



Modelo de Comitês Simulados do CEFET-MG – 7ª edição
Tratado de Brest-Litovski



Tratado de Brest-Litovski

*Saída da Rússia na Primeira Guerra
Mundial*



Diretoras

Clara Diniz
Camilla Freitas
Mariana Meira

Diretor-assistente

Miguel Carvalho



Apresentação da Mesa

Olá! Eu me chamo **Clara Diniz** e estou no terceiro ano de Hospedagem no CEFET. Sempre gostei muito da história das guerras, bem como das dinâmicas de negociações e foi partindo dessas ideias que criamos esse comitê. Foi com imenso orgulho e esforço que eu e a mesa diretora criamos um comitê que, além de historicamente relevante, permite a participação ativa de todos os delegados. Considero as simulações parte importante da minha formação intelectual e humana e acredito que também possa ter impacto positivo na vida dos delegados. Desejo um ótimo MOCSVII e uma excelentíssima negociação a todos/as os/as delegados/as!

Delegadas e delegados do Tratado de Brest-Litovski, é com imensa alegria que me apresento a vocês. Sou a **Camilla Freitas** e serei diretora de vocês nesse comitê histórico incrível. Tenho 17 anos, era aluna de Eletrônica no CEFET e agora sou caloura de Relações Internacionais na UFRGS, mas o principal mesmo sobre mim é que sou apaixonada por simulações e que amo mais do que tudo esse modelo lindo que vocês irão participar. Poder ser diretora novamente no MOCS é uma experiência maravilhosa, trabalhosa e muito enriquecedora. Tudo que vocês encontrarão nesse guia e na simulação foi feito com muito amor e dedicação por todos os membros da Mesa. Por isso, desejo uma ótima sétima edição para vocês e que as nações dos senhores estejam preparadas para a guerra!

Olá! Meu nome é **Mariana Meira**, tenho 18 anos e atualmente curso Medicina Veterinária na UFMG. Participo do MOCS como diretora desde sua quinta edição e desenvolvi um especial apreço por essa simulação. Acredito que participar de comitês históricos seja de suma importância para compreender os processos que transformaram o mundo como o conhecemos – e comitês militares sempre tiveram um espaço especial em meu coração! Desde já, espero que os senhores delegados aproveitem este guia de estudos e o MOCS em si, ambos preparados com muito carinho. Até logo!



Ei! Meu nome é **Miguel Penido** e estou atualmente cursando o segundo ano do curso de Hospedagem no CEFET. Essa será minha primeira experiência compondo uma mesa diretora e é uma honra estar aqui. Desde que comecei a simular, gosto de comitês históricos e estou muito animado para a sétima edição dessa simulação tão querida. Espero que se divirtam e aprendam tanto simulando quanto eu aprendi e me diverti pesquisando. Vejo vocês em breve, até lá, aproveitem!

Considerações iniciais

Excelentíssimos ministros da guerra, generais e delegados, a mesa mediadora do Tratado de Brest-Litovski gostaria de lembrar aos senhores da situação delicada em que o continente se encontra e, portanto, reiterar a necessidade de negociações ponderadas com o máximo de empenho dos senhores. Esse compilado de informações recolhidas (o guia de estudos) foi elaborado com extremo cuidado e esperamos que os senhores leiam-no e façam o melhor uso possível do mesmo. Recomendamos também que consultem outras fontes de informação disponíveis com ajuda de seus governos e companheiros.

Quanto às dúvidas acerca do andamento do tratado ou mesmo de informações presentes nesse guia, a mesa, por se encontrar empenhada na produtividade desse tratado, encontra-se a disposição para respondê-las.



Sumário

Apresentação da Mesa	2
Considerações iniciais	3
1. Introdução	6
2. A Primeira Guerra Mundial	7
2.1. Motivações da Guerra	7
2.2. Impactos da Guerra	11
2.2.1. Rússia	11
2.2.2. Mundo	12
2.3. Situação momentânea da Primeira Guerra	14
2.4. Linha do Tempo: Marcos da Guerra	16
3. Acordos Internacionais	21
3.1.1. O Império Russo na Guerra	26
4. Revolução Russa	27
4.1. O Fim do Império	27
4.2. A Rússia Pós Revolução	29
4.3. Contexto Político: O Partido Bolchevique	30
4.4. Situação Momentânea e os Desafios da Revolução	32
5. Geografia Europeia e Disputas Territoriais	34
6. Posicionamentos	37
6.1. Albânia	37
6.2. Império Alemão	38
6.3. Império Austro Húngaro	40
6.4. Bélgica	42
6.5. Bulgária	43
6.6. Estados Unidos da América	44
6.7. França	46
6.8. Grécia	47
6.9. Itália	48
6.10. Japão	49
6.11. Montenegro	50
6.12. Noruega	51



6.13.	Império Otomano	52
6.14.	Polônia	53
6.15.	Reino Unido	54
6.16.	Rússia	56
6.17.	Sérvia	57
6.18.	Suécia	58
7.	Referências Bibliográficas	60



1. Introdução

O Tratado de Brest-Litovski ocorrerá em 1918, um ano após a revolução socialista que depôs o Governo Imperial. Consistirá em uma rodada de negociações multilaterais entre os países da tríplice aliança, da Entente, da Rússia e de outros países afetados pela Guerra, no qual a convocação dos representantes tinha como função chegar por vias diplomáticas em resoluções para a União Soviética e seu envolvimento com a Primeira Grande Guerra. As negociações ocorrerão em Brest-Litovski, atual Brest, entre os dias 2 e 3 de março de 1918. Durante todo o período em que o Império Russo participou da Primeira Guerra, os gastos com esta diminuíram os investimentos na saúde e educação e aumentaram a miséria e as desigualdades sociais. As perdas humanas também são altíssimas – 5 milhões de soldados e civis –, alimentando a insatisfação popular.

Por essas razões, uma das principais bandeiras dos Bolcheviques é dar fim a Guerra. Logo, assim que assumiram as bases militares de Mojilev proclamaram um cessar fogo (2 de dezembro de 1917). A paz era crucial para a estabilização do novo governo e a manutenção do apoio popular ao regime.

Os bolcheviques se tornaram prisioneiros de sua própria propaganda: assumiriam o poder, lançariam um apelo mundial pela paz, os soldados russos começariam a confraternizar com aqueles das trincheiras opostas. Logo os exércitos alemães se dissolveriam em uma massa de soviets, expulsariam seus oficiais e concluíram a paz de um povo: muito simples. (ULAM, 1965).

A necessidade de paz era enorme e, entre os meses de dezembro de 1917 até março 1918, ocorreram várias negociações envolvendo países da Tríplice Aliança, Tríplice Entente e URSS que culminaram no Tratado de 2 e 3 de março. O grande obstáculo da URSS para as negociações foi que a própria Tríplice Aliança soube da urgência dos comunistas para o fim da guerra, já que não conseguiriam sustentar uma revolução interna e conflitos externos.

Lenin insistiu que o Congresso dos Sovietes aceitasse a “paz vergonhosa” como ele mesmo a chamou, “a fim de salvar a revolução mundial” e sua “única base de sustentação – a república soviética. (ULAM, 1965).



É importante destacar que a Rússia se encontrava em situação de isolamento internacional, porque, com o fim do Czarismo, as relações diplomáticas estabelecidas com a Europa Ocidental foram desfeitas e a Rússia não teve apoio dos antigos aliados (Tríplice Entente). Ainda assim, o apoio russo e, mais importante, a garantia de que não mudariam de lado ou intercederiam em favor da Tríplice Aliança foi fundamental para a Entente. Porém, o capital político conquistado através da paz foi fundamental para os Bolcheviques, consolidando o apoio popular e camponês ao regime.

Nesse contexto, é preciso decidir não apenas o destino da Rússia, mas também os rumos da Guerra, os novos acordos a serem formados, como substituir o poderio russo ou como se aproveitar do desfalque da Entente para vencer a guerra. Até onde os russos estão dispostos a ceder para sair da guerra? E qual o limite das exigências para que a Tríplice Aliança lucre com o acordo, mas garanta a saída da Rússia?

2. A Primeira Guerra Mundial

2.1. Motivações da Guerra

A dominação europeia cultural, econômica e política sobre outras nações, bem como a corrida por matérias primas e novos mercados consumidores foi uma política lucrativa para as grandes potências ocidentais. O Imperialismo do século XIX trouxe aos países europeus um poder nunca antes equiparado. A Inglaterra, por exemplo, possuía 24% dos territórios da superfície terrestre, em seguida vinha França, Bélgica, Portugal etc. Esses países faziam parte dessa corrida político econômica desde seu início.

Em 1870/71, duas nações são formadas, a Itália e a Alemanha. Sendo a unificação desta última a mais complexa e conflituosa. Desde a queda de Napoleão, formou-se a Confederação Alemã, constituída por 39 territórios independentes governados por famílias nobres, das quais destacavam-se a Áustria e o Império Russo. A Áustria era uma nação agrícola e o Império Russo via na unificação a chance de crescimento. Em prol desse ideal, cria-se a zona aduana de Zollverein e, em 1864, Otto Von Bismarck entra em conflito com a Dinamarca e reconquista os



territórios perdidos no Congresso de Viena. Já em 1866, na Guerra das sete semanas, vence a Áustria, isolando-a e criando a Confederação Alemã do Norte.

A última guerra antes da unificação foi contra a França em 1870, devido a um desgaste diplomático, bem como o medo da rápida expansão de Bismarck. A França perde a guerra, bem como um de seus territórios mais importantes: a Alsácia Lorena. A França saiu humilhada da guerra e, com o nacionalismo crescente no país, surgiu também um sentimento revanchista contra a Alemanha, que continua durante todo o período imperialista e influencia na justificativa para a entrada da França na Grande Guerra. Já a Alemanha foi unificada e, o rei Guilherme I declarado soberano máximo da nação.

Inicialmente com pouca expressividade, Alemanha e Itália rapidamente chegam ao status de potência imperialista, ainda que muito mais fracas que Inglaterra e França. Em busca de maior poder e capital de negociação, bem como defesa mútua, os Estados recém-formados da Alemanha, Itália e Áustria-Hungria se unem em um acordo que cria a Tríplice Aliança. Pretendiam se defender caso duas ou mais potências europeias atacassem um de seus membros. No caso da Itália e da Alemanha, o acordo especificava que ele só seria válido em caso de um ataque francês. A população italiana se encontrou descontente com o tratado com a Áustria-Hungria, porque, durante seu processo de unificação, os austros húngaros tiveram papel negativo.

As disputas políticas e econômicas imperialistas na África culminam em 1885, na Conferência de Berlim. A partilha da África foi uma tentativa de amenizar os conflitos entre as potências europeias dentro do território africano e definir fronteiras entre os territórios europeus.

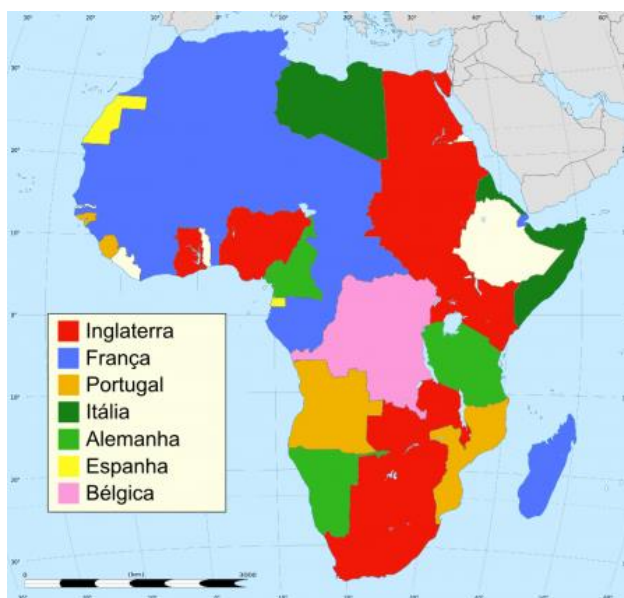


Figura 1. Partilha da África (Fonte: infoescola)¹

Embora tenha sido um importante tratado para manter a paz entre as potências por mais algum tempo, as disputas dentro da Europa continuaram ocorrendo, o nacionalismo voltou a fazer parte da realidade da maioria das nações e a divisão desigual dos territórios africanos começou a gerar discordâncias dentro dos países europeus, principalmente os recém-formados Itália e Alemanha, que saíram mais prejudicados do tratado. Nesse sentido, o sentimento nacionalista crescente nesses países influenciou a ideia de que as nações haviam sido injustiçadas e que a Inglaterra e a França foram privilegiadas.

A Entente Cordiale, que depois viria a se tornar a Tríplice Entente, surge em 1904 e foi formada pela França e Inglaterra com o objetivo de barrar a expansão alemã que vinha ocorrendo em uma velocidade preocupante. A Alemanha havia em poucos anos conquistado parte da considerável da Europa e da África, além de fazer acordos importantes com outras potências como a Áustria-Hungria e a Itália. A Entente Cordiale fica em vigor até 1907, com a entrada do Império Russo no acordo e a criação da Tríplice Entente. O Império Russo já havia feito outros acordos tanto com a Inglaterra quanto com a França. Em 1891, havia a Entente Franco-Russa e,

¹ Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia/partilha-da-africa/>> Acesso em 02 Abril de 2017



no início de 1907, a Entente Anglo Russa. A entrada do Império Russo na Tríplice Entente se deu por três motivos principais:

- I. Pressão e ameaça da Inglaterra: O Império Russo mantinha vários acordos econômicos com os ingleses e não podia arriscar perdê-los;
- II. A Crise nos Bálcãs e as tensões com a Áustria-Hungria: A criação da Tríplice Entente ocorre durante o mesmo período em que o Império entra em conflito com a Áustria na Sérvia e, portanto, o apoio ainda que somente financeiro da Inglaterra e da França era necessário;
- III. As alianças já existentes: Como o Império já havia feito acordos parecidos com a Inglaterra e a França, a entrada na Tríplice Entente não foi um passo inesperado.

Com a Conferência de Berlim e a criação de blocos militares antagônicos (Entente e Aliança), diversos conflitos continuaram a ocorrer entre as potências ou com o apoio delas, como a Crise no Marrocos e a Crise nos Bálcãs. A primeira é uma disputa entre França e Alemanha, em que ambas reclamam pelo território Marroquino. Através de um acordo diplomático em 1906, a França conquista a região. Descontente, a Alemanha entra em conflito com a França e, em 1911, recebe parte do território do Congo francês. Já a Crise nos Bálcãs ocorre por causa dos constantes conflitos entre Sérvia e Áustria, devido à expansão austríaca. Em 1908, após uma nova investida da Áustria, os sérvios, com o apoio do Império Russo, tentam conter a expansão, porém a Áustria anexa, no mesmo ano, a região da Bósnia-Herzegovina.

As tensões continuam aumentando e os conflitos, que antes se localizavam somente dentro da “periferia do mundo”, passam a ocorrer dentro das próprias potências. O estopim da guerra ocorre em junho de 1914 com o assassinato do herdeiro do Império Austro-Húngaro, o então príncipe Francisco Ferdinando durante sua visita a Saraievo, Bósnia. O assassino, GavriloPrincip, fazia parte de uma sociedade secreta chamada Mão Negra, que já havia realizado outros ataques, este havia sido planejado na capital da Sérvia, Belgrado. O governo da Áustria-Hungria exige uma série de medidas do governo Sérvio, como: fechamento dos jornais de oposição à Áustria; o fim das sociedades secretas; expulsão ou exoneração do



Governo e/ou das Forças Armadas de membros acusados da campanha antiaustríaca.

O governo Sérvio acata a grande maioria das medidas, mas mesmo assim a Áustria começa a movimentar seus exércitos e quebra acordos diplomáticos entre os países. O Império Russo, que defendia a Sérvia e sua influência no país, também mobiliza seus exércitos em favor dos sérvios, logo em seguida, a França, que mantinha acordos com o Império e tinha interesse em barrar os austríacos, entra em favor da Sérvia. A Alemanha, devido aos fortes laços com a Áustria-Hungria e à rivalidade com a França, defende os austríacos. Em julho/agosto de 1914 a guerra é iniciada.

Uma guerra vergonhosa foi declarada contra uma nação fraca; eu compartilho inteiramente a imensa indignação na Rússia. Muito em breve não poderei mais resistir à pressão e serei forçado a tomar medidas que conduzirão à guerra. Para prevenir a infelicidade de uma guerra europeia, eu te peço, em nome de nossa velha amizade, que faça todo o possível para impedir que teu aliado vá longe demais

(Carta De Nicolau II, Imperador da Rússia, ao seu primo, Guilherme II, Imperador da Alemanha).

2.2. Impactos da Guerra

2.2.1. Rússia

Em julho de 1914, o Império entra em uma guerra, inicialmente regional, mas que teria resultados catastróficos para a economia e, principalmente, para a população do país. O primeiro país da Entente a entrar na guerra foi também o que mais mobilizou exércitos, o que teve o maior número de mortos e feridos, além dos gastos econômicos mais altos que o próprio PIB, causando falta de investimento dentro do próprio país. A saída da maioria dos homens do país gera um déficit no mercado de trabalho que viria a ser sanado por mulheres e crianças. A fome, já que a maioria dos recursos iria para o fronte, se alastrou e foi uma das principais causas de morte de civis no Império.

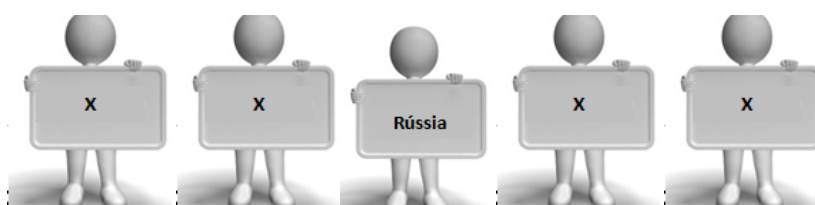
Havia cerca de 18 milhões de soldados russos. Isso significa que a cada 2 soldados americanos havia, aproximadamente, 8 soldados russos.



A Rússia teve 5 milhões de feridos ou seja, para cada 1 ferido italiano, havia 5 russos:



O Império russo registrou ainda 2 milhões de mortos, ou seja, 20% do total das mortes da Primeira Guerra.



Cerca de metade do efetivo militar foi morto e quase 5 milhões de civis morreram direta ou indiretamente pela Guerra: vítimas da fome, miséria ou de artilharia.

2.2.2. Mundo

Apesar da concentração geográfica da Primeira Guerra principalmente na Europa, seus impactos abalaram todo o mundo, com o número descomunal de militares e civis abatidos, e com as consequenciais para a economia dos países. É



estimado que cerca de 800 milhões de pessoas, metade da população mundial da época, foram afetadas diretamente pela participação de seu país na guerra.

Durante toda a guerra, cerca de 70 países e territórios participaram do conflito, que enviaram aproximadamente 70 milhões de soldados para a guerra. O desmembramento do total de militares foi:

- 8 milhões da França
- 13 milhões da Alemanha
- 9 milhões da Áustria- Hungria
- 9 milhões da Grã-Bretanha, no qual 25% era provenientes das colônias inglesas
- 4 milhões dos Estados Unidos
- 6 milhões da Itália

O conflito causou 10 milhões de mortos e 20 milhões de feridos até sua resolução, algo ainda inimaginável para época. O numero gigante de mortos e a forma na qual os falecidos eram tratados, jogados em valas comuns e sem identificação, quebra a idealização do herói de guerra. (Volksbund Deutscher Kriegsgräberfürsorge, Traduzido, 2008). Do total, cerca de 1,4 milhão dos mortos e 4,2 milhões dos feridos eram da França; 2 milhões dos mortos e 4,2 milhões dos feridos eram civis e militares da Alemanha; 1,4 milhões dos mortos e 3,6 milhões dos feridos eram da Áustria-Hungria; a Grã-Bretanha com 960 mil mortos e 2 milhões de feridos; a Itália com 600 mil mortos e 1 milhão de feridos; e o Império Otomano com 800 mil mortos.

Durante os combates os exércitos sofriam grandes perdas e devido as péssimas condições nas quais os militares eram submetidos, o número de combatentes era cada vez menor ao prolongamento da guerra, como exemplo o exército sérvio, que perdeu $\frac{3}{4}$ de seu contingente. As batalhas mais sangrentas, com as de Verdun e Somme, chegaram a registrar 2 milhões de mortos quando somadas, e manobras, como gases venenosos, mataram mais de 20 mil pessoas.

Mas, não era apenas os militares que foram mortos ou feridos durante a guerra, os civis, a população comum, também foi atingida em massa pelos conflitos, causando aproximadamente 10 milhões de refugiados europeus, 6 milhões de órfãos e 3 milhões de viúvas. Somente o exercito otomano matou 1 milhão de civis armênios.



A economia também sofreu com a Primeira Guerra Mundial, deixando nações afundadas em dívidas e inflacionadas, porém movimentou a indústria bélica e tecnológica, pois as nações gastaram mais de 180 bilhões de dólares em suprimentos e equipamentos para as batalhas. As maiores potências investiam abundantemente em armamentos e suas melhorias, e dispararam cerca de 1,3 bilhões de projéteis.

2.3. Situação momentânea da Primeira Guerra

Nos últimos momentos de 1916 e nos primeiros de 1917, a Grande Guerra, que acabara de passar pela fase mais violenta e com mais combates, passava por momentos delicados, no qual a Tríplice Aliança, a Tríplice Entente e seus aliados estavam fragilizados pelos combates e perdas. Além das preocupações tratadas na guerra, os países, em maioria, também estavam passando por conflitos internos. Enquanto a Rússia estava em plena revolução após a abdicação do czar Nicolau II e as revoltas da população, a França enfrentava uma série de crises governamentais e estava lidando com um dos maiores fracassos da guerra, na qual, em uma derrota para a Alemanha, perdeu cerca de 190 mil de seus soldados efetivos (The Sphere, 1917). Os ingleses também haviam perdido 275 mil de seus homens na campanha má sucedida de Passchendaele e o enfraquecimento da Entente era notável, mas a Aliança também não estava em condições melhores.

Eram necessárias mudanças no cenário da guerra, algo que aconteceu com a entrada dos Estados Unidos como aliado da Entente. Essa parceria ocorreu devido à aliança econômica dos EUA com os países do grupo e ao ataque que sofreram em sua frota marítima por parte dos Impérios Centrais. Apesar desse reforço para a aliança, que agora possuía melhores condições para combate que os inimigos, havia uma grande preocupação com o grupo e um dos seus integrantes: a Rússia.

As crises sociais aumentavam por toda parte, assim como a falta de alimentos e as mortes causadas pela guerra, e a bem sucedida revolução na Rússia incentivava as populações de diversos países a se rebelarem. No final de 1917, era eminente a necessidade da saída da Rússia da grande guerra, que além de um



exercito já extremamente desgastado, sofria uma enorme demanda antiguerra da população. No trecho da tese escrita por Lenin, é notável ver a importância da retirada das forças do país do confronto e a necessidade desse ato para o avanço da reorganização política da nação.

Concluindo uma paz separada, libertaríamos no maior grau possível, neste momento, de ambos os grupos imperialistas hostis, aproveitando a sua hostilidade e a guerra — que lhes dificulta um acordo contra nós —, aproveitaríamos para conseguir ter as mãos livres durante certo tempo para prosseguir e consolidar a revolução socialista. A reorganização da Rússia na base da ditadura do proletariado, na base da nacionalização dos bancos e da grande indústria, com um regime de troca natural de produtos entre a cidade e as cooperativas de consumos rurais dos pequenos camponeses é, economicamente, plenamente possível, na condição de termos garantidos uns meses de trabalho pacífico.

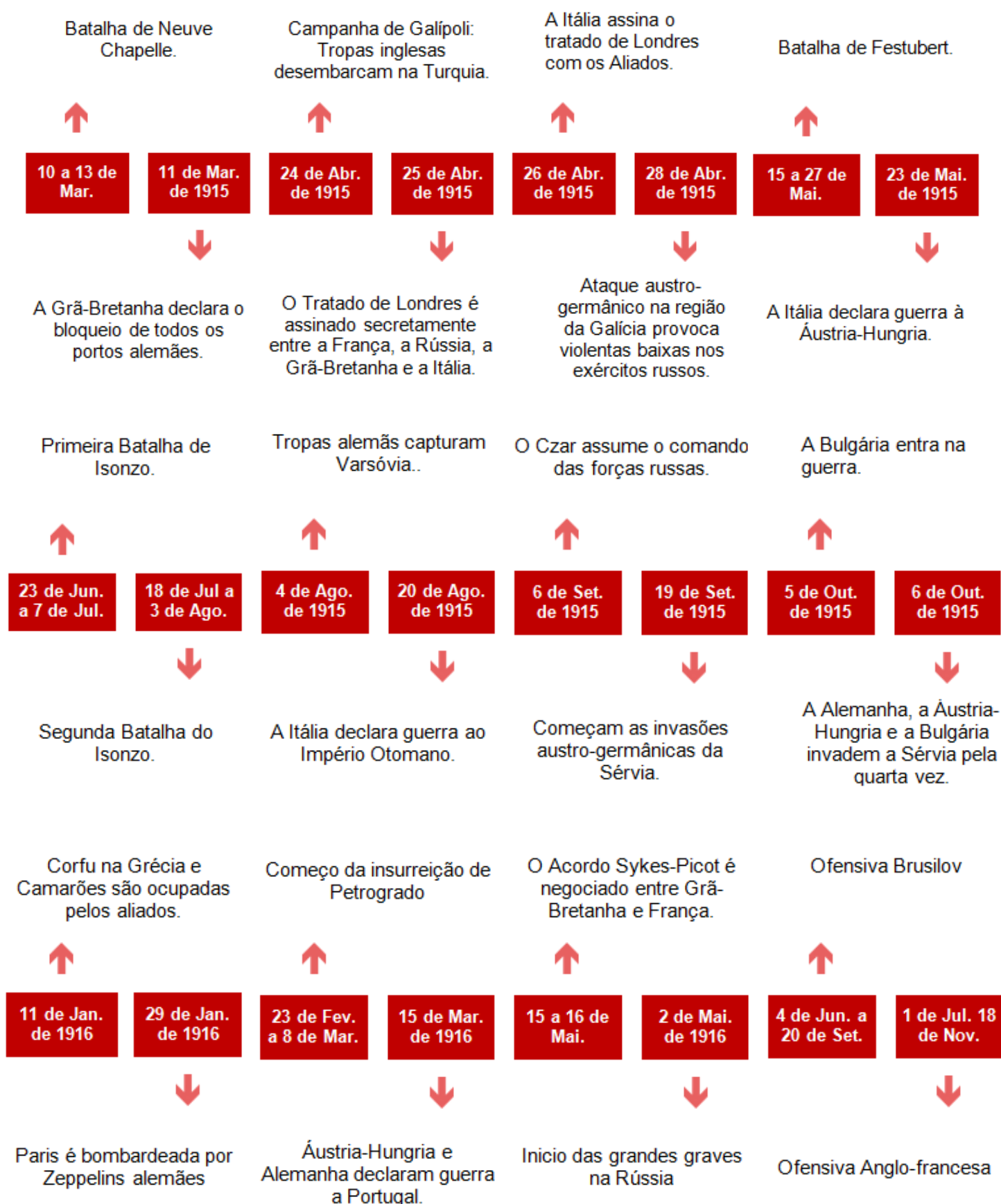
Tal reorganização tornará o socialismo invencível tanto na Rússia como em todo o mundo, criando ao mesmo tempo uma base econômica sólida para um poderoso Exército Vermelho operário e camponês. (Lênin em suas Teses de Abril, 1917).

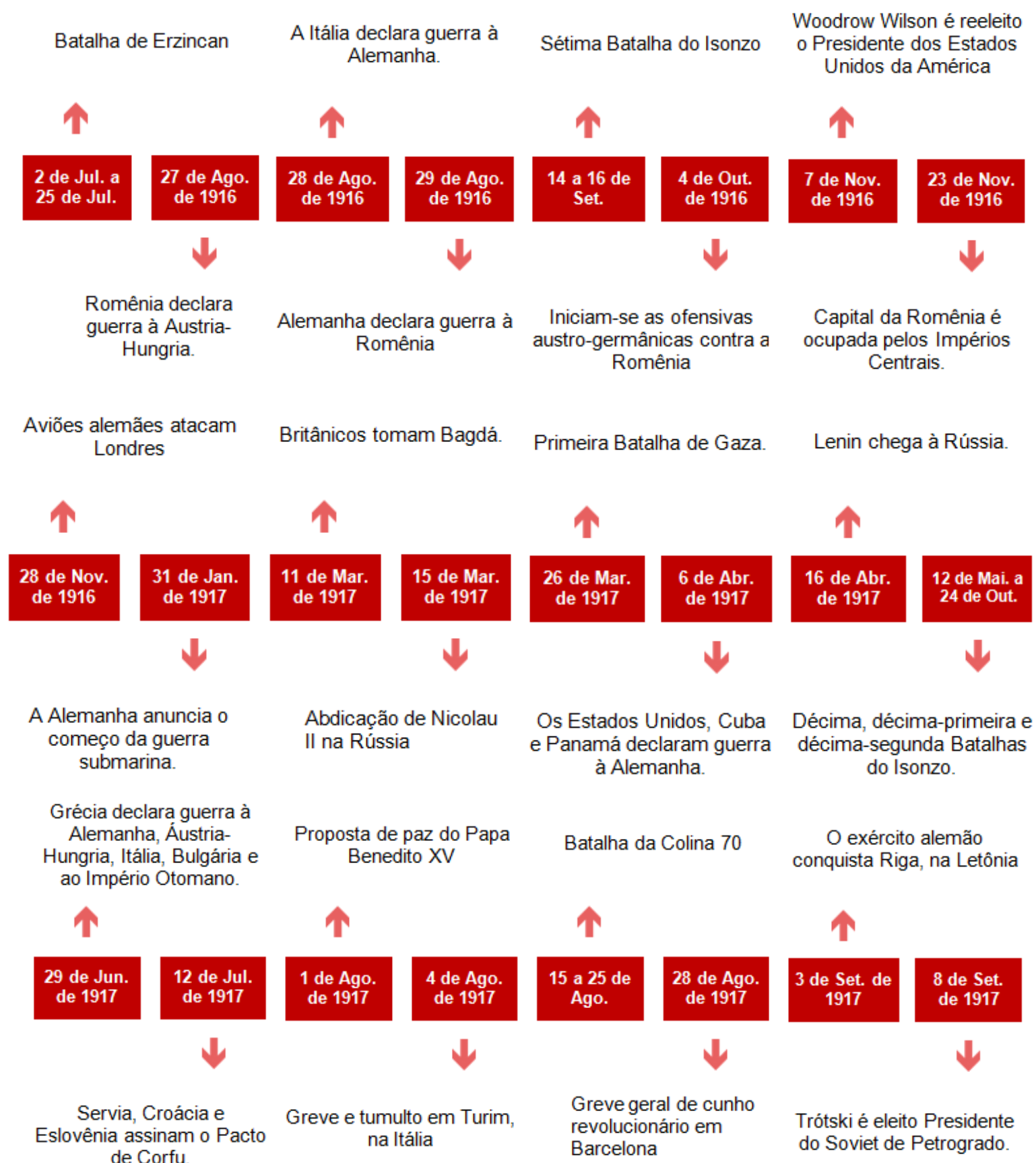
O momento era tratado como uma oportunidade para a Aliança e seus apoiadores, principalmente para o Império Alemão, que via na situação uma forma de ascender na guerra e chegar à vitória. O mesmo animo tomava os aliados da Entente, que apesar da possível saída da Rússia, contava com um novo membro que possuía um exercito capacitado e traria um novo folego para uma guerra com participantes desgastados e sem recursos.

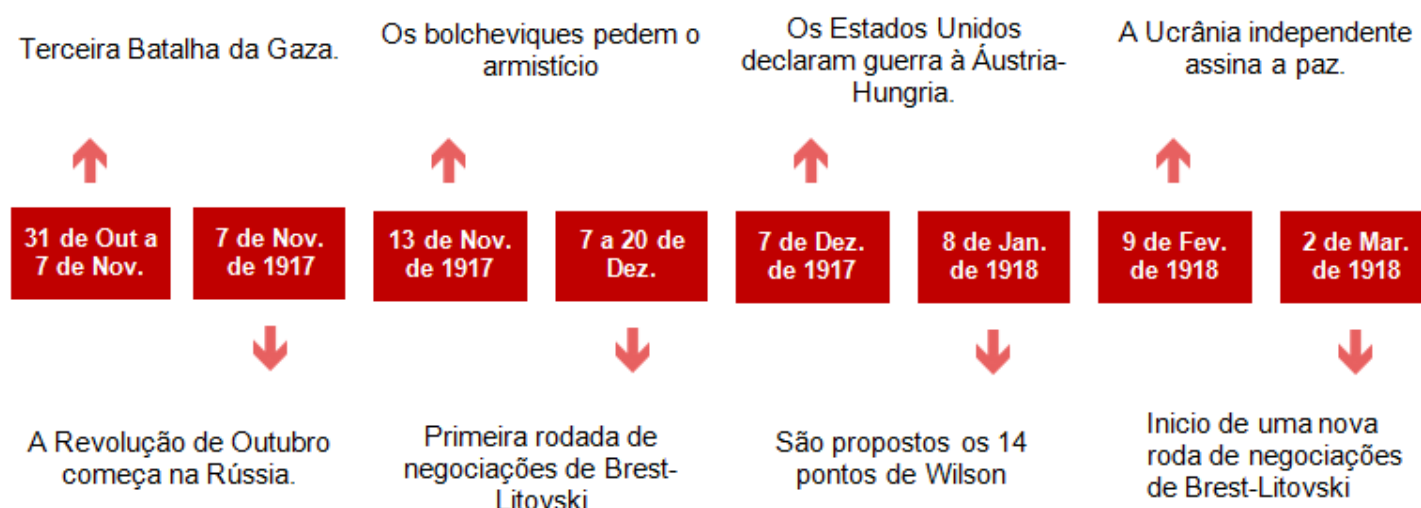


2.4. Linha do Tempo: Marcos da Guerra









Abaixo há uma breve explicação sobre os eventos mais marcantes e decisivos da Primeira Guerra Mundial. Todos eles estão inseridos em suas respectivas datas na Linha Do Tempo.

- I. **Batalha das Fronteiras:** Foi uma série de batalhas que ocorreram logo após o início da Primeira Guerra, travadas ao longo da fronteira oriental da França e sul da Bélgica. Durante a disputa foram utilizados as estratégias militares do Plano XVII francês e o Plano Schlieffen alemão. A Batalha foi vencida pelos alemães.
- II. **Batalha do Marne:** Foi uma batalha travada ao longo do Rio Marne, próximo a Paris na França. A disputa foi finalizada com a vitória franco-britânica sobre a Alemanha, em um dos momentos decisivos da Primeira Guerra.
- III. **Batalha de Champagne:** Foram duas batalhas que ocorreram na província de Champagne, na França, entre os exércitos franceses e alemães. A primeira disputa terminou em um impasse entre as duas nações e com baixas de cerca de 90.000 em ambos os exércitos. Na segunda batalha resultado foi desastroso para os franceses, que perderam todos os postos conquistados, além de terem 145.000 homens feridos ou mortos.
- IV. **Batalha de Neuve Chapelle:** Foi uma ofensiva britânica na região de Artois, na França, que tinha o objetivo de enfraquecer as defesas alemãs.



Os britânicos concluíram a missão, porém, devido às grandes perdas das duas nações, o lado vitorioso da disputa ficou indefinido.

- V.** Campanha de Galípoli: Está entre as campanhas mais trágicas e caras da guerra, que tinha como objetivo a invasão da Turquia pelas forças britânicas, francesas, australianas e neozelandesas. A tentativa falhou e houve grandes danos para ambos os lados, porém a Turquia conseguiu se sobressair na disputa.
- VI.** Batalha de Festubert: Foi um ataque do exército Britânico na região francesa de Artois, na Frente Ocidental, contra o exército Alemão. Houve um pequeno avanço territorial Aliado resultante desse combate.
- VII.** Batalha de Isonzo: Foram dozes batalhas que ocorreram no Vale do Rio Isonzo, entre as forças do Império Austro-Húngaro, apoiados pelos alemães, e os exércitos da Itália. O Rio Isonzo era um local privilegiado entre as duas nações, que tinham como objetivo nessas batalhas invadir o país do oponente. A batalha terminou com um impasse entre as nações, porém, o Império Austro-Húngaro obteve cerca de 400.000 baixas a menos que a Itália, que foi considerada a vitoriosa da décima segunda batalha.
- VIII.** Ofensiva Brusilov: Foi o maior feito russo durante a Primeira Guerra e uma das batalhas mais letais do período, sendo uma grande ofensiva contra os exércitos dos Impérios Centrais na Frente Oriental. Foram mortos e feridos cerca de 975.000 austro-húngaros e 350.000 alemães.
- IX.** Ofensiva Anglo-francesa: Ocasinou o início da batalha de Somme e tinha como objetivo romper as linhas de defesa alemãs que estavam ao longo do Rio Somme. Houve elevadíssimas baixas para ambos os lados, principalmente para o Reino Unido, que não atingiu o objetivo com a ofensiva.
- X.** Batalha de Gaza: Foi uma série de duas batalhas que ocorreram em Gaza, na Palestina, entre o Império Britânico e o Império Otomano, o Império Alemão e a Áustria-Hungria. A batalha tinha como objetivo auxiliar



a Força Expedicionária Egípcia invadir o Sul da Palestina. As duas batalhas foram marcadas pela vitória otomana.

3. Acordos Internacionais

Durante o entremeio da guerra, vários acordos entre as nações participantes foram propostos e criados, mudando o rumo dos combates e criando alianças. Enquanto alguns desses tratados objetivavam fomentar a Primeira Guerra, muitos outrostinham como meta alcançar a paz, rompendo assim com os conflitos. Porém, muito dos acordos falharam nesse ponto, sendo rejeitados e não cumpridos pela Tríplice Aliança e pela Tríplice Entente.

Um dos acordos de paz mais significativos que foi rejeitado era o proposto por Woodrow Wilson, o então presidente dos Estados Unidos da América. O tratado, que ficou conhecido por “os quatorze pontos de Wilson”, foi apresentado para a Europa em 8 de Janeiro de 1918, mas foi negado pelos companheiros da Entente, que considerava o acordo falho por não apresentar medidas punitivas aos derrotados na guerra. Os quatorze tópicos do acordo eram:

- 1.º Pactos abertos de paz a serem alcançados abertamente, sem acordos secretos;
- 2.º Livre navegação absoluta, além das águas territoriais, tanto na guerra como na paz, exceto quanto à liberdade de navegação fosse cessada, em parte ou no seu todo, por execução de pactos internacionais;
- 3.º Remoção de todas as barreiras econômicas e estabelecimento de igualdade de condições de comércio entre todas as nações consentâneas à paz e à sua manutenção;
- 4.º Redução das armas nacionais ao mínimo necessário à segurança interna;
- 5.º Ajustes livres imparciais e abertos às reivindicações das colônias;
- 6.º Evacuação das tropas alemãs da Rússia, e respeito pela independência da Rússia;
- 7.º Evacuação das tropas alemãs da Bélgica;
- 8.º Evacuação das tropas alemãs da França, inclusive da contestada região da Alsácia-Lorena;



- 9.º Reajuste das fronteiras italianas dentro de linhas nacionais claramente reconhecíveis;
- 10.º Autogoverno limitado para o povo austro-húngaro;
- 11.º Evacuação das tropas alemãs dos Bálcãs e independência para o povo balcânico;
- 12.º Independência para a Turquia e autogoverno limitado para as outras nacionalidades até então vivendo sob o Império Otomano;
- 13.º Independência para a Polônia;
- 14.º Formação de uma associação geral de nações, sob pactos específicos com o propósito de fornecer garantias mútuas de independência política e integridade territorial, tanto para os Estados grandes como para os pequenos. (Yale Law School, 2008)

A Grande Guerra também fomentou pactos e coalizões de nações e povos, que foram ratificados por meio de acordos e tratados. Um dos mais relevantes foi o Pacto de Corfu, assinado em 20 de julho de 1917 entre o Reino da Sérvia e a Comissão Iugoslava, grupo formado por políticos exilados do Império Austro-Húngaro.

O acordo tinha como objetivo garantir a criação de um Estado iugoslavo após o fim da guerra, no qual seriam reunidos os povos eslavos do Império Austro-Húngaro, do Reino da Sérvia e do Reino de Montenegro. Apesar dos desacordos entre a Sérvia e a comissão, o pacto foi assinado pelo primeiro-ministro do Reino da Sérvia e Ministro dos negócios estrangeiros, Nikola P. Pashitch, e pelo o presidente do Comitê de Iugoslava, Dr. Ante Trumbic. O documento tinha treze tópicos que podem ser conferidos abaixo.

- 1º. O estado dos sérvios, Croatas e eslovenos, que também são conhecidos como os eslavos do Sul ou Iugoslavos, será um reino livre e independente, com território indivisível e unidade de fidelidade. Vai ser uma constitucional monarquia parlamentar e democrática, sob a dinastia Karageorgevitch, que sempre compartilhou as ideias e os sentimentos da nação, e colocará a liberdade e a vontade nacional acima de tudo.
- 2º. Este estado será nomeado **“O Reino Dos Sérvios, Croatas, E Eslovenos”**. E o estilo do soberano será **“Rei Dos Sérvios, Croatas, E Eslovenos”**.



3º. O estado terá um único escudo de armas, uma única bandeira, e uma coroa única. Estes emblemas serão compostos pelos emblemas existentes presentes. A unidade do Estado vai ser simbolizada pelo brasão de armas e a bandeira do Reino.

4º. As bandeiras sérvias, croatas, e eslovenas são classificadas igualmente e podem livremente ser hasteadas em todas as ocasiões. Os brasões de armas especiais podem ser utilizados com igual liberdade.

5º. As três denominações nacionais — sérvios, croatas, e eslovenos — são iguais perante a lei em todo o território do Reino, e todo mundo pode usá-las livremente em todas as ocasiões da vida pública e quando lidar com as autoridades.

6º. Os dois alfabetos, o cirílico e o latino, também serão classificados igualmente, e todo mundo pode usá-los livremente em todo o território do Reino. As autoridades reais e as autoridades locais se autogovernam tem tanto o direito e o dever de empregar os dois alfabetos em conformidade com os desejos dos cidadãos.

7º. Todas reconhecidas religiões podem ser livremente e publicamente exercidas. Os ortodoxos, a fé católica romana e muçulmana, quais forem esses principalmente professados por nossa nação, devem classificar igualmente e desfrutar de direitos iguais em relação ao Estado.

Tendo em consideração estes princípios legislativos tomará cuidado especial para salvaguardar a concórdia religiosa em conformidade com o espírito e a tradição de toda a nossa nação.

8º. O calendário será unificado logo que possível.

9º. O território do Reino dos Sérvios, Croatas e Esloveno irá incluir por todo o território habitado compacta e em continuidade territorial por nossa nação dos três nomes. Isso não pode ser mutilado sem prejuízo para os interesses vitais da Comunidade.

Nossa nação exige nada que pertence aos outros. Exige somente o que é seu próprio. Deseja libertar-se e alcançar a sua unidade. Portanto, se conscientemente e firmemente recusa cada solução parcial do problema



da sua libertação nacional e a Unificação. Avança a proposição de sua libertação da dominação Austro-húngaro e sua união com a Sérvia e Montenegro em um único Estado, formando um todo indivisível.

Em conformidade com o direito de autodeterminação dos povos, nenhuma parte desta totalidade territorial pode sem violação da justiça ser desanexada e incorporada com algum outro Estado sem o consentimento da nação em si.

10º. Em prol da liberdade e do direito igual de todas as Nações, o mar Adriático será livre e aberta para todos.

11º. Todos os cidadãos em todo o território do Reino devem ser iguais e usufruir os mesmos direitos em relação ao estado e perante a lei.

12º. A eleição dos deputados ao organismo representante nacional será por sufrágio universal, com igual, direta e voto secreto. O mesmo se aplica às eleições nas comunas e outras unidades administrativas. As eleições terão lugar em cada comuna.

13º. A constituição, para estabelecer-se após a conclusão da paz por uma Assembleia Constituinte eleita por sufrágio universal, com direto e voto secreto, será a base de toda a vida do estado; será a fonte e a consumação de toda a autoridade e de todos os direitos pelos quais toda a vida da nação será regulamentada. (Cornell University Press, 1988)

Os acordos tinham um papel fundamental na guerra, pois através deles eram definidas as relações entre as nações, os objetivos nas batalhas, as zonas de influência de cada país e a realidade da Europa após a guerra. As zonas de influência são as regiões sobre a qual um Estado ou organização possui significativa influência cultural, econômica, militar ou política.



Figura 2. Zonas de Influência no Oriente Médio. (Fonte:passia.org)²

Devido a grande relevância dessas zonas para as nações, essas regiões foram motivos de grandes impasses durante a guerra, por isso houve diversos acordos sobre essas zonas. O mais importante foi o acordo secreto de Sykes-Picot, entre o Reino Unido e a França em 16 de maio de 1916, que tinha o objetivo de dividir as esferas de influência no Oriente Médio, considerando a hipótese de derrota do Império Otomano na guerra.

No acordo, os territórios foram divididos entre as duas nações e os Aliados. O Reino Unido recebeu o controle dos territórios correspondentes à Jordânia, ao Iraque e a área em torno de Haifa. A França ganhou o controle do sudeste da Turquia, da Síria, do Líbano e do norte do Iraque. A Palestina seria colocada sobre administração internacional. As fronteiras dentro dessas áreas ficaram livres para ser

² Disponível em: <http://www.passia.org/palestine_facts/MAPS/1916-sykes-picot-agreement.html> Acesso em 05 Abril de 2017



definidas pelas duas potências posteriormente. Em outubro de 1917, Lênin tornou pública uma cópia do Acordo Sykes-Picot, invalidando as reivindicações russas sobre o território do Império Otomano.

3.1.1. O Império Russo na Guerra

Os anos anteriores ao início da Grande Guerra foram imprescindíveis para definir de que lado o Império Russo estaria e quem estaria ao seu lado. Assim como praticamente todos os países do globo, o Império Russo queria crescer econômica e territorialmente, expandir sua hegemonia, tornar-se cada vez mais poderoso. Dessa forma, atuava na região dos Bálcãs e da Europa Oriental constantemente, mesmo que de forma indireta. Apoiava países menores em conflitos menores, seja militarmente ou economicamente, colocava-se contra outros países etc.

Em meados do século XIX, o Império Otomano começou a perder alguns territórios para os demais países balcânicos. Em 1912, com o Império enfraquecido, os países da região dos Bálcãs entraram em um conflito armado que chegou a ser conhecido como a Guerra dos Bálcãs. Almejando os territórios de Dardanelos e Bósfaro (pertencentes ao Império Otomano), o Império Russo arranhou acordos entre Sérvia e Grécia. Com o apoio russo, as duas nações se juntaram à Bulgária e a Montenegro, formando a Liga Balcânica, que viria a se rebelar contra o Império Otomano na busca de novos territórios. Assim se deu a guerra, com a vitória da Liga. Porém, a Bulgária se voltou contra os demais vitoriosos, alegando não receber o que merecia. Assim, às vésperas da guerra, a Bulgária se encontrava contra a aliança Sérvia-Grécia apoiada pelo Império Russo.

Além disso, a aliança Sérvia-Rússia se colocava contra o Império Austro-Húngaro, devido aos recentes acontecimentos com a morte do príncipe herdeiro austro-húngaro. Dessa forma, às vésperas da Grande Guerra, o Império Russo se colocou contra os Impérios Otomano e Austro-Húngaro, assim como a Bulgária, principalmente devido sua aliança com a Sérvia. Além da aliança Sérvia-Rússia, os russos aliaram-se aos demais inimigos do Império Alemão: França e Reino Unido, formando assim a Tríplice Entente, a qual viria a receber mais países, se tornando os Aliados.



Em agosto de 1914, o Império Austro-Húngaro declara guerra ao Império Russo e tropas austro-germânicas começaram a se movimentar, invadindo a Polônia em outubro de 1914 e em fevereiro do ano seguinte, expulsam as tropas russas do leste prussiano. Em abril de 1915, a Rússia e as demais nações da Tríplice Entente assinam o Tratado de Londres, garantindo a entrada da Itália na guerra ao lado dos Aliados, com promessas de recompensação com territórios asiáticos e africanos sob atual domínio alemão. Quando as tropas alemãs invadem Varsóvia em agosto de 191, o czar Nicolau assume o comando as tropas russas, em setembro.

Em 1916, as primeiras greves e manifestações contra o regime czarista russo se iniciam. Isso desestabiliza o governo e seu desempenho na Grande Guerra. Em 1917, acontece a chamada Revolução Russa, com o fim do czarismo e a deposição do czar Nicolau.

4. Revolução Russa

4.1. O Fim do Império

O Império russo tem seu fim oficialmente em 24 de Outubro de 1917, porém, é possível afirmar que o começo de sua derrota tem origem na década de 1850, quando, além de perder a “Guerra da Crimeia”, percebe a necessidade de modernizar sua economia, praticamente feudal. Essa modernização ficou conhecida como “Modernização pelo Alto”, porque promoveu reformas sem alterar o poder da aristocracia. Aboliu a servidão e promoveu reformas no sistema judiciário, nas forças armas e na educação. Permaneceu com o sistema agrário tradicionalista e iniciou a industrialização nas grandes cidades como Moscou e São Petesbugo.

As reformas, entretanto, foram insuficientes para sanar as demandas sociais da população dando origem e mais visibilidade ao movimento populista dos *narodiks*. Para esses revolucionários as reformas e mudanças viriam dos camponeses, ou seja, a revolução deveria ter protagonismo camponês. Os narodiks acreditavam que as reformas tsaristas trariam para a Rússia os mesmos problemas da Revolução Industrial na Europa, como a separação dos camponeses e de seu movimento, o êxodo rural, bem como a exploração da mão de obra. O movimento teve adesão de parte da comunidade camponesa e chegou a realizar atentados como o assassinato



do Tsar Alexandre II em 1881. As forças Tsaristas reprimiram o movimento principalmente após o assassinato do Tsar, e os *narodiks* acabaram se dissolvendo. Porém a ideia de que o campesinato era o centro da revolução influenciou outros revolucionários como Vladimir Lênin.

O Domingo Sangrento foi a marca da volta de uma oposição forte e organizada ao Império. No começo de 1905 a situação voltava a ficar tensa para o Tsar e, com a perda da Guerra Russo-Japonesa em 1905, tornou-se insustentável para o regime continuar sem reação política ou sem quaisquer mudanças. No mesmo ano houve manifestações pacíficas, revoltas camponesas, manifestações grevistas, levantes militares, além da criação do Soviete, conselho de camponeses e representantes dos trabalhadores. Fortaleceram também os sociais democratas, os cadetes e os socialistas revolucionários. Em 1906, como resposta aos movimentos de 1905, é realizada a eleição para a Duma, congresso Russo, no entanto, o Tsar não respeita suas decisões e enfraquece a Instituição.

Com a entrada da Rússia na guerra, o contexto se agrava, principalmente porque o despreparo do exército russo mobilizou mais de 15 milhões de russos dos quais mais de 5 milhões morreram. A maioria da comida era vendida ou ia para o front. As famílias passavam fome e as mulheres passavam horas na fila para tentar conseguir um pão e, muitas vezes, não conseguiam. Em 1916 voltam a ocorrer greves, e a desconfiança das elites para com o governo Czarista aumenta.

Em 1917, a situação russa é insustentável, a inflação aumentava, não havia mais alimentos e os transportes eram desatualizados e precários. Os gritos nas ruas deixam de ser apenas por demandas sociais e passam a clamar pela saída do Tzar; os intelectuais viam no fim da dinastia a única solução viável para o fim da crise na Rússia. A polícia e a população entravam em choque constantemente e o exército se encontrava dividido entre cumprir com seu dever e juramento ou se revoltar e apoiar suas esposas e compatriotas.

Uma parcela relevante do exército se une à população e inicia as jornadas de 23 a 27 de fevereiro. Completamente isolado, o Tsar abdica do trono e dá lugar ao seu irmão Miguel, na tentativa de salvar a dinastia e o Tsarismo. A manobra política não funciona e, em 2 de março de 1917, o Tsar renuncia ao trono. A Duma anuncia a criação de um governo provisório comandado por membros da antiga família real:



Kerensky e Lvov, sob o pretexto de que era preciso vencer a guerra e expulsar os alemães do território antes de avaliar as demandas revolucionárias e criar uma Assembleia Constituinte democrática. O governo provisório adotou uma série de medidas, como o fim da censura, a legalização dos partidos, a volta dos exilados e a libertação dos presos políticos.

Entre os exilados que retornam à Rússia estava Vladimir Lênin, que inicia uma nova série de manifestações, discursos e clamores por “pão, paz e terra”; “todo poder aos soviets”. Nenhum setor estava satisfeito com a permanência da antiga família real no poder. Os sociais democratas queriam uma revolução ainda que mais conservadora, os bolcheviques defendiam a revolução socialista armada, os camponeses queriam terra dividida igualmente, os trabalhadores urbanos queriam salário mínimo, previdência social e jornada de 8 horas de trabalho, e os soldados queriam o fim da guerra. As reformas do governo provisório já não eram mais suficientes.

Os Bolcheviques e o lema de Lênin foram o único grupo a conseguir incorporar os clamores e necessidades da maioria da população “pão, paz e terra” e resumir bem o que as massas (camponeses, operários e exército) queriam. O objetivo final da revolução seria a consolidação de uma ditadura do proletário que alcançaria o tão sonhado socialismo.

O partido Bolchevique era maioria dentro dos soviets, possibilitando a união dos trabalhadores para uma insurreição que levaria ao fim do governo provisório. Antes mesmo que o Governo provisório pudesse censurar os meios de comunicação soviéticos ou prender os líderes da revolta, o Comitê Militar do Soviete de Petrogrado em 24 de Outubro de 1917, mobiliza trabalhadores, operários e tropas, ocupa os principais pontos da cidade, invade o Palácio de Inverno e destitui o governo provisório dando fim ao Império Russo.

4.2. A Rússia Pós Revolução

Do que se trata é de uma sociedade comunista não como se desenvolveu sobre as bases que lhe são próprias, mas, pelo contrário, tal como acaba de sair da sociedade capitalista; uma sociedade que, por consequência, em todos os aspectos, econômico, moral, intelectual, apresenta ainda os estigmas da antiga sociedade que a



engendrou.(...)Mas esses defeitos são inevitáveis na primeira fase da sociedade comunista, tal como acaba de sair da sociedade capitalista, após um longo e doloroso parto. O direito nunca pode ser mais elevado que o estado econômico da sociedade e o grau de civilização que lhe corresponde.
(MARX, 1875)

A tomada do poder pelos bolcheviques foi, indubitavelmente, um dos períodos mais radicais da história russa. No entanto, o triunfo inicial da Revolução Russa não significou, necessariamente, a conversão total da população ao bolchevismo.

O período que sucedeu a Revolução de Outubro ficou conhecido como comunismo de guerra. Isso porque, além de engajada em uma guerra civil e na Primeira Guerra Mundial, a Rússia dedicava boa parte de seus recursos aos campos militares, bem como no esforço para enfraquecer a oposição e conquistar os parcelas da população contrárias ao bolchevismo.

Entre as camadas da sociedade russa contrárias ao bolchevismo estavam ex-oficiais czaristas, conhecidos como o Exército Branco. Os contrarrevolucionários eram apoiados pelos governos de países ocidentais como a França, o Reino Unido e os Estados Unidos, que temiam que a revolução se espalhasse em meio aos diversos conflitos pelos quais a Europa passava.

Em dezembro de 1917, o Congresso dos Sovietes aboliu toda e qualquer propriedade privada, inclusive latifúndios, que eram parte importante da economia russa. Em 1918 foi decretada a expropriação da propriedade burguesa.

Os setores contrarrevolucionários certamente não aceitaram essas medidas de bom grado. O Exército Branco, restauracionista, – ou seja, que buscava a restauração do regime czarista – e suas nações aliadas possuíam interesse em depor o recém-ascendido proletariado do poder. Logo, o já citado comunismo de guerra definiu os ritmos do trabalho no país, com a maioria da produção voltada para sustentar os conflitos.

4.3. Contexto Político: O Partido Bolchevique

Com o “leninismo” elaborou as suas diretivas em matéria de princípios e de estratégia. Resta-nos saber se a teoria bolchevique exprime, como o disse Stalin posteriormente, o marxismo na fase do imperialismo e se,



nesse caso, representa o eixo do movimento revolucionário proletário internacional. (HELMUT, 1933)

O Partido Social Democrata Russo, fundado secretamente em 1898 na cidade de Minsk, é a mais provável origem dos partidos bolchevique e menchevique. Em 1903, em outro congresso, a facção ideológica de Vladimir Lênin ganhou maioria no congresso e, por conseguinte, ficou conhecida como Partido Bolchevique (da maioria). Seus opositores ficaram conhecidos como Partido Menchevique (da minoria).

As origens do bolchevismo pré-revolucionário são incertas. Segundo Pierre Broué, o bolchevismo surgiu não como uma convergência de ideias vindas de diferentes partidos russos, mas sim de uma concepção de Lênin acerca da forma de se construir um partido operário na Rússia – o que era, para todos os socialistas da época, a forma exata de se combater o capitalismo.

Depois da Revolução de Fevereiro, as organizações do Partido Bolchevique saíram da ilegalidade a qual estavam submetidas durante o período czarista. Assim, os bolcheviques começaram a desenvolver abertamente suas obras políticas. Nesta época, o número de membros do Partido chegava a 45 mil.

Em 16 de abril Lênin, que estava exilado, pôde regressar à Rússia. Seu regresso foi extremamente significativo para o Partido Bolchevique. Preparou teses e relatórios acerca da guerra, que foram apresentados não só em reuniões com o Partido Bolchevique, mas também com membros do Partido Menchevique, que tinham ideologias diversas às do partido de Lênin. Dada sua importância, esses documentos ficaram conhecidos como as Teses de Abril, visto que trouxeram uma linha de ações claras para a evolução do processo revolucionário russo.

As diferenças entre os dois partidos não estavam sempre muito nítidas. Em suma, os bolcheviques acreditavam que a burguesia russa era demasiado fraca para conduzir a revolução e que o campesinato e proletariado deveriam tomar o poder à força. Os mencheviques, ao contrário disso, acreditavam que a Rússia jamais passaria imediatamente de um governo czarista para uma ditadura do proletariado; portanto, eram árdios defensores da existência do Governo Provisório. Trotsky, que assumiria o Tratado de Brest-Litovski, foi um membro do Partido Bolchevique que



por vezes se alinhava às ideias mencheviques, inclusive no que diz respeito ao apoio ao governo provisório.

De acordo com análise de Pierre Broué, os mencheviques, em conformidade com suas análises, não buscam lutar pelo poder. Em sua opinião, somente um poder burguês pode ocupar o lugar do czarismo, convocar eleições para a assembleia constituinte e negociar a paz democrática sem anexações. Ao seu ver, os soviets foram o instrumento operário da revolução democrático-burguesa e, na república burguesa devem continuar constituindo posições da classe operária. Contudo, não consideram em absoluto a possibilidade de exigir um poder para o qual a classe operária ainda não está capacitada para exercer e que, segundo eles, deverá exigir posteriormente para si, conforme as exigências de uma revolução espontânea que os socialistas devem tomar cuidado de "forçar". Lênin resumirá tal atitude como se equivalesse de fato a uma "entrega voluntária do poder de estado à burguesia e a seu governo provisório".

Na Revolução Russa de 1917, os mencheviques inclusive participaram no governo provisório de Kerensky. Lênin foi quem impulsionou, finalmente, a Revolução de Outubro de 1917; embora os mencheviques tenham apresentado uma certa oposição à ditadura do proletariado, recusaram-se, num geral, a se alinharem com a oposição antibolchevique. Desta forma, em 1918, os bolcheviques se tornaram o Partido Comunista Russo.

Assim estava a Rússia adepta do marxismo revolucionário pregado por Lênin, que tinha como compromissos para os componentes do partido a militância e o engajamento políticos, a implementação integral do programa socialista, liderança proletária e centralizada. A vitória do Partido Bolchevique não significou, entretanto, a unidade de pensamento na Rússia pós-revolução. Ao contrário, conflitos e desafios seriam cada vez mais constantes.

4.4. Situação Momentânea e os Desafios da Revolução

A peculiaridade do momento atual na Rússia consiste na transição da primeira etapa da revolução, que deu o poder à burguesia por faltar ao proletariado o grau necessário de consciência e de organização, para a sua segunda etapa, que deve colocar o poder nas mãos do proletariado e das camadas pobres do campesinato. (LÊNIN, 1917).



O bolchevismo ganhou nome e respeito nos meios revolucionários internacionais, fosse pelos resultados da Revolução de Outubro, fosse pela sua oposição ferrenha à participação da Rússia na Primeira Guerra Mundial.

Porém, a Rússia como país ocupava uma posição muito particular, não somente geográfica como também econômica e política. A economia russa era um misto de produção agrícola de nível arcaico, similar ao regime feudal, e economia industrial moderna típica da Europa. Segundo Helmut Wagner em suas Teses Sobre o Bolchevismo, a Rússia era, enfim, uma economia feudal entremeada de elementos capitalistas, com cerca de 4/5 da população em regime de servidão camponesa até 1917.

A primeira tarefa da Revolução Russa era, portanto, pôr fim à exploração servil do campesinato e industrializar a agricultura, elevando-a ao nível de produção moderna e criando uma nova classe de trabalhadores livres. O fim da nobreza feudal e a criação de novas formas de administração e constituição política também eram de interesse da Revolução.

A fase do comunismo de guerra, já citada anteriormente, também representou um grande desafio para a Revolução, pois significava que todos os esforços econômicos e militares seriam voltados para o combate ao Exército Branco. Isso influenciava, também, na posição delicada em que a Rússia se encontrava durante a Grande Guerra: enquanto perdia homens e recursos econômicos nas batalhas em continente europeu, a Rússia também passava por uma complicada guerra civil, em que o Partido Bolchevique combatia os contrarrevolucionários. A organização e preparação do Exército Vermelho era uma das preocupações bolcheviques.

Manter a Rússia em dois conflitos de larga escala era impensável. A saída da Grande Guerra era, inclusive, um dos grandes *slogans* do Partido Bolchevique – a Primeira Guerra Mundial havia vitimado cerca de 3,8 milhões de russos, a maioria pobre. Além de tudo, a Grande Guerra era uma herança do Império Russo, e os bolcheviques desejam escrever um novo capítulo na história da Rússia. Portanto, a assinatura de um tratado de paz com as outras potências europeias era de total interesse dos russos.



Obviamente, o Exército Branco se opunha à saída da Rússia da Primeira Guerra Mundial. Este seria apenas mais um desafio a ser enfrentado pela Rússia bolchevique.

Segundo Alessandro de Moura, os desafios internos e externos para sustentar as conquistas de 1917 eram imensos, bem porque esta era a primeira revolução socialista da história da humanidade. A tomada do poder foi apenas o início do processo, agora se tratava de extingui-lo para a construção do socialismo.

5. Geografia Europeia e Disputas Territoriais

Motivo de disputas e batalhas durante a guerra, um território tem grande importância para as nações, principalmente se esse possuir vantagens minerais e comerciais. Cada terreno tem suas próprias características que podem valorizá-lo, ou não, em uma negociação, como a localização, o relevo, a hidrografia e recursos minerais, e saber quais são os melhores locais para a nação pode transformar a economia e o rumo da guerra.

Petróleo, carvão, ferro e manganês são os recursos mais visados e que possuem valor comercial mais elevado, por isso, territórios com reservas desses minerais são mais valorizados pelos Estados. Na Europa, as principais reservas minerais estão localizadas em território russo, que possui uma grande diversidade de minerais em sua nação. A relação dos recursos e de quais países tem suas reservas são:

Recurso Mineral	Localização
Carvão	Rússia, Grã-Bretanha, Alemanha e Polônia
Petróleo	Rússia (principalmente na região da Sibéria), Império Otomano e mar do Norte
Ferro	Rússia, França e Suécia.

No mapa mundi da Figura 3 é possível ver detalhadamente a produção mineral de cada região a partir da sigla do recurso na tabela periódica.



Os maiores rios e os mais utilizados para navegação são considerados os principais do continente, e entre eles estão os rios Sena, Volga, Danúbio, Ruhr, Pó e Reno. O rio Sena nasce em Paris e deságua no canal da Mancha, enquanto o rio Volga nasce na Rússia e deságua no Mar Cáspio e é maior rio europeu. Já o rio

³ Fonte: grupo escolar

Danúbio nasce nos Alpes Alemães e desemboca no Mar Negro, e o rio Ruhr percorre toda Alemanha e é um fluente do Rio Reno. Outro grande rio é o Pó, que percorre do ocidente para o oriente, ao longo do norte da Itália, e o rio Reno, que nasce nos Alpes Suíços e deságua no Porto de Roterdã. Na Figura 5 são apontados todos os rios da Europa, enquanto na Figura 4 é possível conferir os principais rios do continente.

Além da grande quantidade de rios e de mares, a hidrografia europeia apresenta ainda muitos lagos, como os de Constança, de Genebra, de Zurique. Há também lagos glaciários que aparecem nas planícies do noroeste da Rússia, na Escandinávia e na Finlândia.



Figura 4. Mapa Hidrográfico dos Principais rios da Europa (Fonte:worldatlas)⁴

⁴ Disponível em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/countrys/euriv2.htm>>. Acesso em 12 de Abril de 2017



Figura 5. Mapa Hidrográfico Completo da Europa (Fonte:worldatlas)⁵

6. Posicionamentos

6.1. Albânia

A Albânia possui um território de 28.748 km² e localiza-se no sudeste europeu, na península Balcânica, fazendo fronteira com Montenegro, Sérvia e

⁵ Disponível em: <<http://www.worldatlas.com/webimage/countrys/euriv8.htm>> Acesso em 12 de Abril de 2017



Grécia e é banhada pelo Mar Adriático. A Albânia possui as maiores reservas europeias de petróleo em terra e importantes recursos hídricos.

Desde 1502 a Albânia foi ocupada pelo Império Otomano sob regime feudalista pertencente aos grandes proprietários fundiários e permaneceu sem crescimento econômico até o século XVII com as primeiras guinadas industriais, ainda que em feudos isolados. Durante meados do século XIX, o governo Otomano começa a realizar reformas que possibilitassem a industrialização do Império, foi também durante esse período que vários povos começaram a lutar por sua independência, dentre eles os albaneses.

Em 1830 houve o Massacre de Monastir, como tentativa de apaziguar os movimentos separatistas, o Governo imperial inicia as reformas Tanzimat, que consistiam em uma integração maior dos católicos e não-muçulmanos. Mas as revoltas não terminaram

Por causa de uma investida próxima ao território albanês que ameaçava o território Otomano, os turcos permitiram a formação de um exército albanês para a proteção do território, contra as forças de Montenegro e das grandes potências. Porém ao perceberem que se tratava de um movimento separatista, os Turcos apoiaram a esquadra das potências e os albaneses perderam.

A Guerra Balcânica (1912) ameaçou o território Otomano, porém um diplomata albanês chamado “Ismail Kemal Vlórë” garantiu o apoio das potências européias, proclamou a independência em 1912. Esta só foi reconhecida durante a Conferência de Londres em 1913. Portanto, desde o início da Grande Guerra é uma nação independente, apesar de ter sido ocupada por ambos os lados durante todo o conflito.

6.2. Império Alemão

O Império Alemão se encontra na Europa Ocidental, fazendo fronteira com a Bélgica, Rússia, Império Austro-Húngaro, Suíça e Holanda. Conhecido também como o Segundo Reich (Império em alemão), chegou relativamente tarde na disputa



por territórios nos continentes africano e asiático, porém, isso não impediu que inserisse novos territórios ao seu domínio nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX. Entre eles, estão territórios na África (Togolândia, África Ocidental Alemã, entre outros), Ásia (Kiautschou) e Oceania (Nova Guiné Alemã e Samoa Alemã). Além disso, anexou também o território da Alsácia Lorena, antigo território francês, rico em minérios de ferro e carvão, recursos importantes para o crescimento econômico alemão. O Império Alemão é um estado moderno centralizado e seu chanceler (Otto von Bismarck) tem controle sobre todo o território e dessa forma, logo se destaca no campo econômico mundial, ficando “empatado” com a Grã-Bretanha. Conhecido pelo seu centralismo e soberania do chanceler, o nacionalismo alemão cresce muito nas últimas décadas do século XIX e iniciais do século XX, principalmente com a disputa por territórios, justificada e ampliada pelo Pan-Germanismo (proposta que consolida todos os países de origem Germânica sob a liderança do Império Alemão), pela crise no Marrocos (disputa pela região do Marrocos entre França e Alemanha, com ambas as potências entrando em conflito), entre outros. Nas décadas anteriores ao início da Grande Guerra, opta pelo militarismo e segue investindo nessa área.

Como uma nação mais jovem e uma potência ainda em crescimento, o Império Alemão anseia pela expansão territorial e econômica. A Itália e o Império Austro-Húngaro se encontram na mesma posição, de anseio pelo crescimento. Essas nações se sentem prejudicadas com as partilhas territoriais dos continentes dominados. Nas vésperas da guerra, com a morte do príncipe herdeiro austro-húngaro na Sérvia, a Europa vira uma confusão. O Império Austro-Húngaro exige providências do governo sérvio, como o fim de sociedades secretas (como a que matou o príncipe herdeiro), o fechamento de jornais opositores à Áustria, entre outros. Mesmo atendendo aos pedidos, o Império Austro-Húngaro começa a mobilizar seus exércitos e a se colocar contra a Sérvia. Esta é apoiada pela Rússia e França e a Áustria passa a receber apoio das nações mais jovens: Itália e Império Alemão. Dessa forma, o Império Alemão entra na guerra ao lado das novas nações, formando dessa forma a Tríplice Aliança.

O Império Alemão criou o Plano Schlieffen, que previa a vitória alemã em uma guerra europeia. O plano era concentrar a maior parte dos exércitos alemães na



França e dominá-la, enquanto o resto dos exércitos protegiam as fronteiras. A Alemanha aplicou o plano no início da guerra, invadindo a França através da Bélgica e conquistando o norte e nordeste do país. O avanço alemão foi retardado com a Batalha do Marne, com a falha em conquistar a capital francesa, Paris. Durante a conhecida Guerra das Trincheiras, o avanço alemão diminuiu. Em 1916, duas grandes batalhas envolvendo franceses, ingleses e alemães deixaram um milhão e setecentos mil mortos: a Batalha de Somme e a Batalha de Verdun. A guerra começava se tornar desgastante, com as mortes, fome e miséria nas trincheiras, tanto do lado dos Impérios Centrais, quanto dos Aliados.

Ainda em 1917, os alemães afundaram um transatlântico americano e sob esse pretexto os EUA entraram oficialmente na guerra. Com sua economia no auge, os EUA não haviam sofrido bombardeios ou consequências graves da guerra e dessa forma, as vitórias dos aliados diminuiu.

No final de 1917, o Império Alemão já tinha ampliado seu território consideravelmente, anexando importantes territórios europeus, principalmente franceses. A França já havia recuperado parte de seus territórios no norte e nordeste, porém, a Alemanha ainda possuía as fronteiras e demais territórios das nações inimigas. A guerra já estava desgastante, porém o Império Alemão mostrou ter capacidade bélica e militar para sustentar uma guerra nessas proporções.

O Império Alemão vinha buscando o crescimento econômico já fazia um bom tempo e ansiava por mais poder. Já não mantinha relações muito amigáveis com a Rússia, e posicionou-se contra esta durante a guerra. Dessa forma, não era também simpatizante do comunismo crescente com a Revolução Russa. Com a possibilidade da saída da Rússia da guerra, havia também a possibilidade de anexar mais territórios ao seu domínio e crescer economicamente, além de poder focar seus exércitos em outros territórios.

6.3. Império Austro Húngaro

O Império Austro-Húngaro se localiza na Europa, fronteiro com a Suíça, Itália, Império Alemão, Sérvia, Montenegro, Romênia e Rússia. A economia austro-húngara estava em decadência. Seu setor industrial ainda estava em



desenvolvimento e, apesar de apresentar recursos combustíveis em abundância, o governo estava desestabilizado. O número de etnias é diversificado, com tchecos, romenos e eslovacos compondo a população. O sistema monárquico dual, que juntava a Áustria à Hungria em uma só monarquia estava decaindo e os conflitos entre as duas bases deixavam o governo instável. Somando o setor industrial ainda em desenvolvimento, a diversificação de etnias, os conflitos da monarquia dual e ainda a má distribuição da renda, o Império Austro-Húngaro não estava em sua melhor fase nas décadas anteriores ao início da guerra.

Com o crescente nacionalismo europeu e a busca por novos territórios cada vez mais acirrada, o Império Austro-Húngaro entra em conflito com a Rússia e com a Sérvia. Com a Rússia, através do Pan-Eslavismo, acordo que defende a união de países eslavos da Europa Oriental, incluindo os de domínio do Império Austro-Húngaro, sendo liderados pela Rússia; enquanto com a Sérvia, através da chamada Crise nos Bálcãs, na qual a Sérvia, apoiada pela Rússia, tenta impedir o crescimento territorial austro-húngaro, porém sem sucesso, com a anexação da Bósnia-Herzegovina pelo Império Austro-Húngaro em 1908.

Às vésperas da guerra, o príncipe herdeiro austro-húngaro, o Arquiduque Francisco Ferdinando, visita a Bósnia e é assassinado por um estudante nacionalista membro de uma organização secreta. O ataque foi, aparentemente, planejado na Sérvia e mesmo esta tendo atendido aos pedidos da Áustria-Hungria de acabar com as organizações secretas, fechar os jornais contrários ao Império Austro Húngaro, entre outras, este decidiu voltar-se contra a Sérvia e declarar guerra. A Rússia apoiou a Sérvia e o Império Austro-Húngaro foi apoiado pelo Império Alemão. Assim, iniciavam-se a Tríplice Entente e a Tríplice Aliança.

Nos primeiros anos da guerra os aliados tiveram várias vitórias e conquistaram diversos territórios. O Império Austro-Húngaro neutralizava as tropas da Itália após sua saída da Tríplice Aliança e avançava ao lado do Império Alemão.

No momento atual, praticamente todas as nações já se encontram esgotadas, em especial com as guerras das trincheiras. Fome, pobreza e miséria estão espalhadas pelo continente europeu. Até o momento, as mortes do Império Austro-Húngaro estão em torno de um milhão. O Império Austro-Húngaro marcha ao lado do Império Alemão, com vitórias e derrotas, porém, regressando aos poucos com a



entrada dos EUA na guerra. A vitória dos aliados que antes era tão iminente, não parece tão certa mais.

Assim como as demais nações europeias, o Império Austro-Húngaro busca por novos territórios e expansão econômica, com esperanças de estabilizar seu governo. Assim como o Império Alemão, em especial, sente-se ameaçado pelo crescente comunismo russo, porém vê na possível saída da Rússia da guerra, uma possibilidade de anexar mais territórios ao seu domínio, assim como seu aliado.

6.4. Bélgica

A Bélgica é uma monarquia democrática liberal, localizada na Europa Ocidental. Fronteiriça com a França, Império Alemão e Holanda, é banhada pelo Mar do Norte. Ao final do século XIX, com o nacionalismo europeu cada vez mais forte, a Bélgica se tornou independente da Holanda, uma vez que há muito permanecia subjugada pelo antigo Estado que costumava pertencer. A Bélgica era militarmente fraca, sem uma indústria bélica consolidada ou um exército poderoso. No contexto mundial, não se destaca e fica à sombra das grandes potências europeias, até mesmo dos Estados Unidos da América.

Quando a Áustria-Hungria declara guerra à Sérvia e o Império Alemão declara guerra à França, a Bélgica se declara neutra. No entanto, o território belga se encontra entre essas duas últimas potências inimigas. Na madrugada do dia 4 de agosto de 1914, tropas alemãs invadem a Bélgica, ignorando sua neutralidade. O plano dos exércitos alemães é atravessar o território belga para invadir a França pelo norte.

O exército belga tenta conter as tropas alemãs, porém, é fraco e não possui experiência ou poderio militar para contra-atacar o Império Alemão e impedir seu avanço. Dessa forma, os alemães ocupam parte da Bélgica e obtêm êxito em invadir a França.

As baixas dos exércitos belgas são numerosas. Grande parte do território encontra-se sob o domínio dos alemães, assim como milhões de civis. Um grande



número de refugiados da guerra se encontra nos territórios belgas. Até a data da reunião de Brest-Litovski, os alemães continuam ocupando a Bélgica.

6.5. Bulgária

A Bulgária é uma monarquia que se encontra na Europa oriental, fronteira com o Império Otomano, Grécia, Sérvia e Romênia. Tem saída para o Mar Negro e localiza-se na região dos Bálcãs. Nos anos anteriores à Primeira Guerra (1912/13, mais especificamente) a Bulgária saiu de uma guerra envolvendo os países Bálcãs. Conhecida como um ensaio da Grande Guerra, a Guerra dos Bálcãs foi importante para decidir de que lado cada país balcânico ficaria durante os conflitos iniciados em 1914.

Em 1912, o Império Otomano estava enfraquecido, devido a acontecimentos externos. Com o apoio russo, alguns acordos foram arranjados entre a Bulgária e a Sérvia e posteriormente, a Grécia. Em outubro do mesmo ano, iniciou-se um conflito armado e as três nações já citadas se uniram a Montenegro, formando a Liga Balcânica. Assim, os exércitos iniciaram os ataques ao Império Otomano. O conflito se encerrou em maio de 1913, com o Império Otomano tendo perdido praticamente todos os seus territórios no continente europeu.

Porém, com final da guerra, veio a repartição dos antigos territórios turcos e os demais espólios de guerra. Afirmando não ter ganhado o que merecia, o Czar Fernando I da Bulgária declarou guerra à Sérvia e à Grécia. Sérvia e Grécia se uniram contra a Bulgária e pouco tempo depois de iniciado o conflito, o governo búlgaro assinou um tratado de paz com a Grécia. Aproveitando a oportunidade, o Império Otomano avançou, reconquistando territórios perdidos na primeira fase da guerra.

Ao final do conflito, a Bulgária se voltou contra a aliança Sérvia-Grécia, apoiada fortemente pelo governo russo. Dessa forma, uniu-se aos Impérios Centrais: Alemanha, Áustria-Hungria e Império Otomano, deixando de lado suas desavenças com os turcos.

Em 1917, antes da reunião de Brest-Litovski, os Impérios Centrais estavam recuando aos poucos, sofrendo derrotas recorrentes. Os exércitos búlgaros, já não muito fortes devido à Guerra dos Bálcãs, sofria nas mãos dos Aliados. O comunismo crescente na Rússia ameaçava a Bulgária, território próximo à Rússia. Ameaçava sua expansão territorial e econômica, assim como as dos outros países capitalistas.



Figura 6. Alianças Militares (Fonte:wikipedia.org)⁶

6.6. Estados Unidos da América

Os Estados Unidos da América se localizam ao Oeste do globo, no extremo Ocidente, na América do Norte. O país nasceu das antigas treze colônias inglesas, as quais conquistaram sua independência em 1783. O país é banhado pelos oceanos Atlântico e Pacífico e faz fronteira com o México e o Canadá. Tendo ingressado na industrialização de sua economia em meados do século XIX, nas décadas anteriores ao início da Grande Guerra, os Estados Unidos possuíam a maior renda per capita e a segunda maior população dentre as demais potências. Sua economia era forte, mesmo que ainda em ascensão, e já ameaçava potências

⁶ Fonte:wikipedia.org



como o Reino Unido. Sua indústria bélica ainda em desenvolvimento já era considerada poderosa.

Ao estopim da guerra, o presidente estadunidense, Woodrow Wilson, manteve uma política de neutralidade, sem entrar efetivamente na guerra. No entanto, os Estados Unidos passaram a vender produtos para a França e Reino Unido: alimentos, combustíveis, armamento bélico, entre outros mantimentos para armar e suprir as necessidades da guerra e dos exércitos da Tríplice Entente. Aos poucos, os EUA iam lucrando com a guerra, mesmo que as potências da Entente ainda não tivessem realizado o pagamento.

Em abril de 1917, os alemães bombardeiam um transatlântico que estava transportando mantimentos americanos para o Reino Unido, além de outros navios estadunidenses. Os Estados Unidos já estavam “vendendo” a ideia de sua entrada na guerra há um tempo, temerosos de que Reino Unido e França não fossem capazes de pagar suas dívidas. Dessa forma, alegando lutar contra o autoritarismo e militarismo alemães, declaram guerra à Alemanha no mesmo mês.

Apesar de ter uma indústria bélica forte, não possuía um exército treinado e poderoso o suficiente para ir à guerra. Dessa forma, foram necessários por volta de dez meses para treinar um exército. Em janeiro de 1918, o presidente Wilson apresenta um plano para a paz mundial, intitulado de “Os 14 pontos de Wilson”. Eles visavam o fim da guerra e para isso, reivindicavam a liberdade nos mares, diminuição dos armamentos, retirada dos exércitos alemães da Rússia, delimitação dos territórios italianos, entre outros. Entretanto, nada foi feito pela comunidade internacional em relação ao plano.

Em fevereiro de 1918, as primeiras tropas estadunidenses chegam à França. Para suprir a demanda com os produtos para os exércitos britânico e francês, além do próprio exército americano, a indústria dos Estados Unidos funciona a todo vapor. Suas cidades não são bombardeadas como as da Europa e por isso não há danos para a economia americana. As mortes são pouco numerosas.

Com a possível saída da Rússia da guerra, os exércitos americanos supostamente terão mais trabalho. Porém a vitória é quase certa. A única ameaça para os Estados Unidos está dentro dos limites russos: o socialismo. Tornando-se



aos poucos a maior potência do mundo, o socialismo é uma ameaça perigosa para a hegemonia capitalista americana.

6.7. França

A França se localiza na Europa Ocidental, entre os territórios da Espanha e do Império Alemão. Anexou diversos territórios no continente africano nas décadas antecedentes ao início da Grande Guerra (1914), como o Camboja, Madagascar, Senegal, Guiné, entre outros. No período inicial do século XX, ao que antecede o início da guerra, a França apresenta uma grande economia, sendo uma das maiores potências econômicas tanto da Europa, quanto de todo o globo. A indústria francesa vinha crescendo consideravelmente nas últimas décadas, tendo atingido em 1913 um percentual de 2,4 de crescimento anual. As principais indústrias eram a de aço, carvão, metalúrgica, têxtil e, principalmente, de automóveis. Porém, as indústrias se concentravam em Paris e redondezas, enquanto o resto do país permanecia predominantemente agrário. Cerca de 85% das terras eram minifúndios, porém pouca parte dessas terras era cultivada. Os agricultores tinham longas jornadas de trabalho por dia, de 11 a 14 horas, eram pobres e as técnicas de agricultura eram ultrapassadas.

Em 1870, com o decorrer da Guerra Franco-Prussiana, a França perdeu territórios para o Império Alemão, como o da Alsácia-Lorena. Esse território era rico em carvão e minério de ferro, recursos importantes para a indústria francesa. Dessa forma, a França passou a nutrir um forte sentimento antialemão, desejando uma revanche contra o Império Alemão, na esperança de recuperar os territórios. Esse revanchismo foi uma das principais motivações para a França entrar na guerra, além da esperança de anexar novos territórios e expandir suas fronteiras, assim como sua economia. Tendo isso em vista e o fato de que tinha boas relações com a Grã Bretanha, uniu-se a esta e à Rússia, formando assim a Tríplice Entente, e entrou na guerra contra a Tríplice Aliança.

Militarmente, a França contava em 1917 com um exército desgastado, já que sua principal estratégia ofensiva, o Plano XVII, foi fracassada e causou diversas perdas. O plano, que pretendia atacar os territórios perdidos e a Renânia, coração



industrial da Alemanha, foi combatido pela estratégia ofensiva alemã, o Plano Schlieffen, derrotando os franceses sucessivamente em uma série de batalhas conhecidas como Batalha das Fronteiras. As várias ofensivas malsucedidas resultaram em grandes perdas, levando o exército francês à beira da exaustão, desencadeando um motim generalizado e desordens entre os oficiais.

O forte exército imperial alemão, após penetração profunda em território francês, se apossou de parte significativa do nordeste do país, área industrializada e rica em carvão, causando um sério prejuízo a indústria francesa. A capital Paris, contudo, foi salva na Primeira Batalha do Marne, com a ajuda da Inglaterra. Porém, esse avanço sobre o território francês foi contido através da Guerra das Trincheiras, no qual o exército alemão não conseguiu realizar grandes avanços sobre a França.

Apesar de todas as dificuldades enfrentadas, sobretudo na fase inicial, no decorrer do conflito a França mostrou ter uma força de combate suficientemente coesa para contra-atacar em batalhas decisivas como a de Verdun, segunda batalha do Marne, e ainda participar de outras frentes da guerra. No final de 1917, a França havia recuperado parte dos territórios ao nordeste do país, porém, a fronteira ainda estava sobre controle alemão.

Durante o período da Revolução Russa, de 1789 até 1799, camponeses franceses lutaram por uma vida melhor, com o apoio da burguesia. Com os camponeses sofrendo com a fome a pobreza e a burguesia querendo mais poder, ambas as classes reivindicavam melhores condições de vida, o fim dos privilégios do clero e da nobreza e a igualdade social. A revolução não foi organizada por um partido ou mesmo um movimento organizado, com líderes, como a Revolução Russa do século XX. Foi um dos primeiros indícios de uma “visão comunista”, porém pouco comprado ao tamanho e impacto da Revolução Russa de 1917.

6.8. Grécia

A Grécia é um país localizado no sul da Europa, faz fronteira com a Albânia, a Bulgária e o Império Otomano, e está estrategicamente posicionado na fronteira da Europa com a África, Ásia e Oriente Médio. Seu território é de 131.957 km². Possui uma das maiores costas do mundo e 80% do território é montanhoso.



A Grécia pertenceu a dois grandes Impérios, inicialmente pertencia ao Império Romano, porém após a queda de Constantinopla passou a fazer parte do Império Turco Otomano e só conquistou sua independência em 1829, após 9 anos de guerra contra o Império (1821-1829). O reconhecimento de sua independência, não significou o fim de sua luta, e ao longo dos anos foi recuperando mais territórios, como Épiro e Tessália. Com a Guerra Balcânica, conquistou a Macedônia, tornando-se uma nação industrializada.

A Grécia entrou na Grande Guerra somente em 1917 em defesa da Entente. Espera derrotar a Tríplice Aliança, especialmente o Império Turco Otomano e reconquistar mais de seus territórios.

6.9. Itália

A Itália localiza-se na Europa Ocidental e faz fronteira com a França, Suíça e Império Austro-Húngaro. É uma península banhada pelo mar Mediterrâneo quase que em sua totalidade. Ainda um Reino recente, expandiu seu território principalmente a partir da segunda metade do século XIX. Desde a decadência do antigo Império Romano, a Itália estava dividida em várias regiões e reinos menores.

Com a onda de revoluções na Europa no século XIX e o crescente nacionalismo, surgiu um cenário ideal para a unificação italiana. Dessa forma, com a ajuda da França, começou a anexar territórios: Módena, Lombardia, Romanha, Úmbria, Sardenha, Veneza e Roma, entre outros. Com a anexação de territórios do norte, mais desenvolvidos que os demais, a Itália deu uma guinada na sua economia, aumentando o mercado consumidor e facilitando o comércio com a padronização da moeda, impostos, etc. No que tange sua expansão em outros continentes, na África a Itália conquistou a Eritreia em 1833 e parte da Líbia, porém, esta tomou totalmente seu território antes da Grande Guerra. Conquistou também parte da Somália e tentou, sem sucesso, conquistar a Etiópia.

Ou seja, o Reino da Itália é um reino muito recente e ainda em crescimento. Não possui uma economia estabilizada e muito menos uma população homogênea. Sente-se insatisfeita e injustiçada com a partilha dos territórios africanos e pela grande expansão territorial e econômica das grandes potências europeias. Dessa



forma, junta-se aos seus semelhantes: Império Alemão e Império Austro-Húngaro. No sentimento de aliança e inimigos em comum, a Tríplice Aliança é formada.

A Itália inicia a guerra ao lado da Tríplice Aliança. Porém, em maio de 1915, passa para o lado da Tríplice Entente, sob promessas de receber parte dos territórios da Turquia, Áustria e também colônias alemãs na África. Foram cerca de 5,5 milhões de soldados italianos e até março de 1918, data da reunião de Brest-Litovski, a Itália já tinha registrado quase 600.000 mortos e um milhão de feridos. A guerra estava exaustiva. Muitas mortes e muitos feridos e poucos progressos com a expansão territorial e econômica; restava apenas a esperança e a promessa dos países da Tríplice Entente.

Assim como os demais países capitalistas e expansionistas europeus, o comunismo russo representava uma ameaça à sua expansão econômica e territorial. Contudo, a Itália encontra-se, no momento, aliada à Rússia. Sua saída da Grande Guerra pode significar uma decadência na ofensiva contra o Império Alemão e, consequentemente, a derrota da Itália em conseguir novos territórios europeus e colônias africanas. Pode, contudo, representar um caminho para a paz e estabilidade econômica. O cenário é incerto e cabe aos países determinarem o rumo da guerra.

6.10. Japão

O Japão é um país insular localizado na Ásia Oriental. Banhado pelo oceano Pacífico, fica a leste da China e da Rússia. Ao final do século XIX, o Japão deixou de ser um país feudal e passou a tomar certas medidas expansionistas e econômicas. Assim como o Império Alemão, o Japão chegou tarde na divisão de colônias africanas e asiáticas. Começa a investir em sua indústria bélica e, em 1905, domina a cidade de Seul, capital da Coreia do Sul. Assim, inicia-se o expansionismo japonês, com as conquistas de ilhas do Pacífico e o mar da China e a invasão das ilhas Filipinas. Às vésperas da guerra, o Japão já tinha conquistado um número significativo de ópio, petróleo, carvão, ferro e bronze ao passo de que seu mercado já lutava contra os de grandes potências europeias, como o Reino Unido, representando até uma ameaça à hegemonia europeia.



Apesar de estar nas mesmas condições do Império Alemão (atrasado na corrida expansionista), após o estopim da guerra e as primeiras movimentações de tropas, o Japão se declara contra os Impérios centrais, aliando-se à França e ao Reino Unido contra o Império Alemão. A entrada dos japoneses ao lado dos Aliados se deve, em parte, pelo interesse das possessões alemãs na Ásia por parte do Japão, uma vez que estas seriam fundamentais para o expansionismo japonês.

O exército japonês e a indústria bélica do Japão são fortes e poderosos. Os exércitos auxiliam os Aliados no Pacífico e no Mediterrâneo. As baixas não são muitas e não há grandes impactos negativos para o Japão. Às vésperas da reunião de Brest-Litovski, o otimismo está alto. A vitória é uma possibilidade grande. A saída da Rússia da Grande Guerra pode abalar os rumos da mesma, porém, ainda há esperanças de vitória e de expansão suas fronteiras territoriais e econômicas, principalmente com as posses alemãs na Ásia. O socialismo crescente na Rússia ao lado do Japão é um perigo para seu expansionismo, porém, não há grandes relutâncias por parte dos japoneses.

6.11. Montenegro

Montenegro é um pequeno país localizado na região dos Bálcãs, fronteiro com o Império Austro-Húngaro, Sérvia e Albânia. Não possui uma economia muito poderosa e não se destaca muito no contexto mundial. O país se encontra em uma região extremamente heterogênea, com diferentes povos e culturas. Os montenegrinos eram considerados um povo rústico das montanhas, os quais pouco se adequavam à vida urbana. No século XIX, então, a região balcânica estava “fervendo” com os ideais nacionalistas. Os pequenos países da região entraram em conflito, nomeado de Guerra dos Bálcãs, a qual foi imprescindível para definir os lados da Grande Guerra e seus rumos iniciais nos seguintes ao início da guerra.

Em 1912, inicia-se um conflito armado. O Império Turco-Otomano, enfraquecido com acontecimentos anteriores, necessita expandir. Suas tropas se voltam contra os demais países balcânicos, devendo atacar primeiramente a Grécia pelo mar Egeu. Com a diplomacia russa, acordos foram arranjados entre Bulgária e Sérvia e Bulgária e Grécia, para conter as tropas turcas. Posteriormente,



Montenegro se juntou às demais nações, formando a Liga Balcânica. No entanto, com o desenrolar da guerra, os quatro exércitos balcânicos pouco conseguiram formar uma boa linha de guerra, com estratégias falhas e pouca comunicação. Apenas os exércitos sérvios e montenegrinos foram capazes de formar uma boa comunicação e cooperação.

O fim da guerra se deu com a derrota do Império Turco-Otomano e a confirmação de que as nações balcânicas não foram capazes de deixar suas desavenças de lado em prol de um inimigo comum. Após o fim da guerra, muita discussão foi gerada acerca das fronteiras da região. Estas eram mais relativas e abstratas do que concretas e geraram muita confusão. A Bulgária se voltou contra os demais países alegando não receber a quantidade justa de territórios, o que viria fazer com que esta se juntasse aos Impérios Alemão e Turco-Otomano contra os demais países da região balcânica. Nesta segunda parte do conflito, Montenegro não se fez muito presente ou ativo.

Motivado pela boa conexão e comunicação de seus exércitos com os exércitos Sérvios e suas boas relações com a Rússia, principal aliada da Sérvia, Montenegro entrou na guerra ao lado dos Aliados, enfrentando o Império Alemão e seus aliados, entre eles o já antigo inimigo montenegrino, o Império Turco Otomano. Sua participação na guerra não foi significativamente ativa e o território foi assolado por tropas alemãs e austro-húngaras.

Mesmo com seu mau desempenho, a entrada dos Estados Unidos na guerra representava uma melhora para os aliados. A possível saída da Rússia da guerra não é uma boa notícia, principalmente pelo fato de ser grande aliada da aliança Sérvia-Montenegro. Além disso, seu comunismo pode representar uma ameaça para o pequeno país de Montenegro, que mais do que muitos, almeja o crescimento territorial e econômico.

6.12. Noruega

O Reino da Noruega, ou simplesmente Noruega fica localizado no Norte da Europa, possui um território de 385.155 km², que faz fronteira com a recém-



independente Finlândia, com a Rússia e a Suécia. E possui mais de 150.000 ilhas. O país é rico em campos de gás e jazidas de petróleo.

O país perde sua independência durante o início das Guerras Napoleônicas, pois acaba ficando enfraquecido e permanece sob domínio da Dinamarca até 1814, quando as guerras terminam. A Noruega entra em união pessoal⁷ com a Suécia que vence os dinamarqueses. Apesar, de o poder político estar nas mãos de nobres Suecos, os noruegueses tiveram igualdade durante todo o Reino da Suécia e Noruega, com liberdades políticas e socioculturais. A união é desfeita através de um acordo pacífico em 1905 e a Noruega possui seu primeiro líder.

A Noruega é, atualmente, uma democracia que conquistou diversos direitos sociais como a semana de 48 horas, auxílio-desemprego, pensões e aposentadoria, além do voto feminino. Desde 1914 a Noruega se declara neutra na guerra e vem mantendo sua posição.

6.13. Império Otomano

O Império Otomano se localiza na região dos Bálcãs, na Europa oriental, banhado pelo Mar Negro. Fronteiriça com a Bulgária, estava em decadência nas décadas anteriores ao início da guerra. Desde meados do século XIX, o Império Otomano estava perdendo territórios para os demais países balcânicos constantemente. A Grécia conquistou a Tessália e a Bulgária conquistou a província de Rumélia Oriental, entre outros territórios. Em 1908 se deu fim a monarquia do Sultão Abdul Hamid II, instaurando um governo militar ditatorial, baseado no nacionalismo turco. Com a Guerra dos Bálcãs e a perda de mais territórios, mesmo que tenha conseguido recuperar alguns, o Império Otomano estava decaindo.

A Rússia almejava a posse dos territórios de Bósforo e Dardanelos, enquanto o Reino Unido almejava a libertação dos povos árabes do domínio turco-otomano afim de explorar o petróleo da região. Essas rivalidades somadas ao fim da Guerra dos Bálcãs e a rivalidade entre Império Otomano e a aliança Sérvia-Rússia fez com

⁷ Um Chefe de Estado é comum a dois Estados Sobernos, nenhum deles perde sua independência, porém são governados por um só líder.



que os turcos se aliassem aos Países Centrais, principalmente à Alemanha, em busca de apoio técnico e militar.

Quando o conflito se inicia, as tropas turcas começam a se movimentar. Enquanto as tropas alemãs atacam a França no ocidente, as tropas do Império Otomano atacam a Rússia através do Mar Negro. O exército russo sofre derrotas para os exércitos alemão e turco. No entanto, no Oriente Médio as tropas turcas eram derrotadas pelo exército britânico com a ajuda de um levante das tribos da Arábia.

Até o momento da reunião de Brest-Litovski, o governo do Império Otomano já havia contabilizado quase 800.000 mortos. Apesar de algumas derrotas, mostrou ter capacidade para contra-atacar os aliados, como em sua invasão à Rússia pelo Mar Negro. Os mortos são numerosos e a entrada dos acontecimentos dos últimos meses está ameaçando a vitória antes tão certa dos Países Centrais. O crescente comunismo na Rússia apresenta um perigo para o crescimento territorial e econômico do Império Otomano.

6.14. Polônia

A história da Polônia está há muito tempo ligada àquelas dos países que compuseram o Tratado de Brest-Litovski. Vizinha de países extremamente fortes, como Império Russo e Prússia, a Polónia sofreu, ao longo do século XVIII, três partições do seu território - todas envolvendo, além das duas nações já supracitadas, o Império Austríaco.

Além das três partições de terras ocorridas entre 1772 e 1795, pode-se dizer que houve, posteriormente, uma Quarta Partilha da Polónia, com a incorporação do Reino da Polónia em 1832 pelo Império Russo e, em 1846, com a anexação de parte do seu território pelo Império Austríaco. De 1867 a 1915, para diferir-se dos outros Estados que já haviam sido denominados Reino da Polónia, o território polonês era chamado de Polónia do Congresso – um Estado completamente fracionado em províncias e sob o jugo do Império Russo.



Porém, o domínio do Império Russo sobre a nação mudou com o decorrer da Grande Guerra. Devido à fome e miséria instaurada no território, além da fraca presença do da Rússia no local após o início da Grande Guerra, a nação foi transformada em estado-fantoches do Império Alemão, criando assim o Reino da Polônia em 1916. A criação desse reino tinha como objetivo criar uma região que poderia ser facilmente explorada, além de ganhar o controle total sobre o exército polaco, assim aumentando as forças militares da Aliança.

O reino reestabelecido era complementemente instável e sua população já sofria diversos abusos do governo alemão - que, em contrapartida, se posicionava como salvador dos poloneses, que antes eram subjugados pelo Império Russo. Além disso, apesar da cidade de Brest-Litovski atualmente ser localizada na Bielorrússia, anteriormente era uma cidade polonesa, portanto, este comitê é uma oportunidade para a população polonesa reivindicar seus direitos, não se submetendo mais a abusos seja por parte dos alemães ou dos russos.

6.15. Reino Unido

O Reino Unido se localiza na Europa Ocidental, ao noroeste do continente. É composto pelas ilhas da Grã Bretanha e da Irlanda, banhadas pelo Oceano Atlântico. A partir de meados do século XVIII, tornou-se pioneira da chamada Revolução Industrial, principalmente através da indústria têxtil. No século XIX era considerada a maior potência do mundo, precursora do capitalismo industrial. Sua economia era consolidada e forte. No continente africano, conquistara a Gâmbia, Serra Leoa, Nigéria, Zanzibar, Egito, entre outros territórios. Ali, explorara o mercado do ouro, diamantes e tapetes. A indústria bélica era poderosa e a autossustentação dos combustíveis era garantida, principalmente o carvão e o petróleo na Índia e no Oriente Médio. Seus recursos financeiros e capacidades econômicas lhe garantiam ser o número um em supremacia econômica. Contudo, em 1912, potências como os Estados Unidos e principalmente o Império Alemão, ameaçavam sua supremacia. Havia um medo crescente de uma possível crise financeira, que desestabilizasse o governo e o deixasse sujeito a invasões de inimigos e possíveis perdas de territórios, tanto no continente europeu, quanto no africano.



Dessa forma, nos anos antecedentes ao início da Grande Guerra, o Reino Unido já vinha nutrindo sentimentos contrários ao expansionismo austro-húngaro e principalmente, alemão. Após a declaração de guerra do Império Alemão à Rússia e às investidas contra a França, esta se une ao Reino Unido, contra a recém-formada Tríplice Aliança. As esperanças são de defender e manter o controle na Índia e também nas demais colônias asiáticas e africanas, realizar a manutenção de sua superioridade naval e preservar sua supremacia econômica e impedir o avanço territorial e econômico alemão.

Em 1914, o Império Alemão começa a invadir a França e o Reino Unido disponibiliza suas tropas, principalmente sua marinha, setor mais forte e mais poderoso. Durante os primeiros meses da Grande Guerra a derrota parece inevitável. As tropas alemãs marcham sob a França e destroem as tropas inglesas. Porém, aos poucos as tropas britânicas e francesas vão conseguindo conter os alemães. Duas importantes batalhas ocorreram envolvendo as tropas inglesas, em 1916: a Batalha de Somme e a Batalha de Verdun, conquistando vitórias consideráveis. Em 1917, um exército britânico passa a atuar contra a Turquia no Oriente Médio. O número de soldados disponíveis não foi tão grande quanto o das demais potências europeias, ficando em cerca de 1,8 milhão até o momento. Haviam sido registrados cerca de 900.000 mortos e 900.000 feridos.

Apesar de todas as derrotas iniciais e o contingente de mortos e feridos, a situação do Reino Unido até o momento atual estava favorável. As tropas britânicas, em conjunto com as francesas, estavam realizando avanços consideráveis contra as tropas alemãs e austro-húngaras, conseguindo contê-las. Além disso, há muito já vinha comprando armamentos, alimentos, combustíveis, entre outros produtos dos Estados Unidos, com a promessa de pagar após o final da guerra, formando assim algumas dívidas com a potência americana. Apesar da exaustão da guerra, o Reino Unido seguia confrontando o Império Alemão.

Contudo, o comunismo na Rússia insurgia, representando uma ameaça à supremacia capitalista britânica, além de representar também a possível saída da Rússia da Grande Guerra. Com isso, a força dos Aliados poderia decair, representando uma possível vitória do Império Alemão.



6.16. Rússia

A Rússia se localiza na Europa Oriental, sendo o maior país em termos territoriais. Faz fronteira com o Império Alemão, Império Austro-Húngaro e Romênia. Devido à sua extensão territorial e sua vasta população, é considerada a sexta maior potência mundial. Seu setor industrial e sua produção de ferro e carvão crescem consideravelmente, assim como sua malha ferroviária, a qual já atingiu quase 75 mil quilômetros de extensão. No entanto, a Rússia possui uma alta dívida externa e uma considerável taxa de desemprego. Seu território é predominantemente rural, o que não colabora muito para o crescimento da economia. Seu exército é o maior do globo, fruto de séculos de czarismo, regime no qual o governante (o Czar) tem poder absoluto.

No período antecedente à Grande Guerra, a Rússia era um Império: o Império Russo. Esse Império queria crescer. Crescer territorialmente e economicamente. A propaganda nacionalista e imperialista foi justificada e ampliada através de diversas disputas territoriais, principalmente o chamado Pan-Eslavismo: acordo que defendia a união de todos os povos eslavos sob o domínio da Rússia, incluindo os que estão sob domínio do Império Austro-Húngaro. Dessa forma, essa rivalidade entre Rússia e o governo austro-húngaro já deixava a situação do pré-guerra tensa. Além disso, com a morte do príncipe herdeiro austro-húngaro por um estudante sérvio e a declaração de guerra da Áustria-Hungria contra a Sérvia, fez com que a Rússia entrasse efetivamente no que viria ser a Grande Guerra. Sérvia e Rússia mantiveram uma relação de aliança e amizade por muito tempo e tendo esse sentimento “anti austro-húngaro”, entrou na guerra defendendo a Sérvia e juntando-se à França e ao Reino Unido, formando a Tríplice Entente.

No início da guerra, em 1914, a ofensiva do exército russo contra o Império Alemão fez com que as tropas alemãs se dividissem entre atacar a França e defender-se da Rússia, surtindo certa vitória para os russos. Porém, com o desenrolar da guerra, a situação começou a piorar. Na frente oriental, mesmo sendo numeroso, o exército russo estava perdendo para o exército alemão. Já estavam registradas quase 2 milhões de mortes e 4,5 milhões de feridos. A guerra estava exaustiva e não estava trazendo benefícios para o Império Russo.



As derrotas do exército russo e as inúmeras mortes fizeram com que a insatisfação popular aumentasse. A economia se encontrava desorganizada, com fome e pobreza. Tudo isso resulta no povo indo às ruas protestando contra o regime czarista e o czar Nicolau II. O czar cai, dando um fim ao Império Russo, porém, sua deposição não melhora as condições do povo. O regime provisório adota medidas que beneficiam burguesia e negligenciam os camponeses. A insatisfação popular aumenta. O partido bolchevique cresce e ganha poder. Liderado por Lênin e apoiado pelos soviets, os bolcheviques conquistam a capital russa e colocam um fim ao governo provisório. Começam, dessa forma, a tomar medidas para uma sociedade mais justa e igualitária. Entre as reivindicações do novo governo e do povo, está a saída da Rússia da Grande Guerra.

Para a Rússia, é importante sair da Grande Guerra, pois isso significará um novo começo para o povo, além de melhoras na economia. O sonho de uma sociedade sem desigualdade não pode ser realizado se a Rússia se encontra no meio de uma guerra movida por interesses capitalistas e expansionistas, os quais apenas contribuem para a desigualdade. É tão importante sair da guerra, que a Rússia pode estar disposta a ceder parte dos seus territórios para garantir a paz. Será na reunião de Brest-Litovski que os rumos da guerra e da paz serão decididos.

6.17. Sérvia

A Sérvia se localiza na região dos Bálcãs, fronteira com Montenegro, Albânia, Grécia, Bulgária, Romênia e Império Austro-Húngaro. Sua economia não é muito forte e não se destaca no cenário político mundial. Nos anos anteriores ao início da Grande Guerra (1908, mais precisamente) a Sérvia se envolveu no conflito nas regiões dos Bálcãs, envolvendo a Bulgária, Grécia e Império Otomano. Na parte inicial do conflito, uniu-se à Bulgária e Grécia e essa aliança, conhecida como a Liga Balcânica, avançou sob o Império Otomano. Já na segunda parte, voltou-se contra a Bulgária, em conjunto à Grécia. A aliança Sérvia-Grécia conseguiu neutralizar as tropas búlgaras, porém perdeu alguns territórios para o Império Otomano, o qual conseguiu recuperar algumas de suas antigas regiões. Porém, ainda assim a Sérvia



conseguiu expandir seus territórios nos anos anteriores à Grande Guerra. O Projeto de realizar a “Grande Sérvia” se encontrava em atuação, mesmo que lento.

A Sérvia possui um histórico conturbado com o Império Austro-Húngaro, com este tentando tomar posse do território sérvio há tempos. Apoiada pelos russos, a Sérvia tenta conter o expansionismo Austro-Húngaro, porém, em 1908, a Áustria-Hungria anexa o território da Bósnia-Herzegovina, impedindo a anexação de demais regiões eslavas por parte da Sérvia. Esses conflitos apenas colaboram para acirrar as diferenças nacionalistas entre os dois países.

Às vésperas da Grande Guerra o príncipe herdeiro austro-húngaro, o Arquiduque Francisco Ferdinando, visita a Bósnia e é assassinado por um estudante membro de uma organização secreta. Acredita-se que o estudante seja sérvio e o ataque foi organizado e planejado dentro dos territórios da Sérvia. O Império Austro-Húngaro, dessa forma, exige o fim dos jornais antiaustríacos, o fim das organizações secretas e expulsão de membros do Governo ou das Forças Armadas acusados de realizar campanhas antiaustríacas. A Sérvia aceitou todas as exigências da Áustria-Hungria, porém, mesmo assim, as tropas austríacas começaram a ser movimentadas. Em julho de 1914, apoiado pela Alemanha, o Império Austro-Húngaro declara guerra à Alemanha.

Dessa forma, a Sérvia entra na Grande Guerra ao lado dos Aliados. Seu exército não é muito numeroso e nem muito poderoso. Às vésperas da reunião de Brest-Litovski, a Sérvia era o país mais prejudicado. O exército sérvio já havia contabilizado cerca de 120.000 mortos e 125.000 feridos, cerca de $\frac{3}{4}$ de toda a sua população. Parte do território sérvio foi invadido e ocupado pelos exércitos inimigos. A possível saída da Rússia da guerra significava a saída do maior aliado da Sérvia. O comunismo apresentava uma ameaça para o plano da “Grande Sérvia”, agora praticamente impossível devido às perdas sérvias.

6.18. Suécia

O Reino da Suécia é um país nórdico que possui 450.295 km² e é o terceiro maior país da Europa. É fronteiro da Finlândia e da Noruega. A Suécia é rica em jazidas de ferro e explora a madeira, ambos vendidos para o mercado externo.



O país perde sua independência durante o início das Guerras Napoleônicas, pois acaba ficando enfraquecido e permanece sob domínio da Dinamarca até 1814, quando as guerras terminam. A última Guerra em que a Suécia se envolveu foi a Campanha contra a Noruega em 1814, que permitiu seu domínio sobre a união pessoal com a Noruega. Em 1905, apesar das tensões e disputas políticas, bem como das ameaças de guerra, a Noruega e a Suécia se separaram pacificamente.

A Suécia, além da Dinamarca e da Noruega, se declarou e permanece independente na Grande Guerra. O país foi uma monarquia autoritária, até 1917 com a realização das primeiras eleições no país, vencidas pelos social-democratas e pelos liberais.



7. Referências Bibliográficas

MACHADO, João Luís de Almeida. Brancos x Vermelhos: **A Guerra Civil na Rússia dos bolcheviques**. 2006. Disponível em: <<http://www.planetaeducacao.com.br/porta1/artigo.asp?artigo=520>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PCR. **História do Partido Comunista Bolchevique da URSS**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/tematica/livros/historia/cap35.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2017

KREIS, Steven. **Lecture7: The AftermathoftheBolshevikRevolution**. Disponível em: <<http://www.historyguide.org/europe/lecture7.html>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

Guerra Civil Russa in Artigos de apoio Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2017. [consult. 2017-03-13 22:56:08]. Disponível na Internet:<[https://www.infopedia.pt/\\$guerra-civil-russa](https://www.infopedia.pt/$guerra-civil-russa)>

See A. B. Ulam, **The Bolsheviks** (1965, repr. 1968); L. Schapiro, **The CommunistPartyoftheSoviet Union** (2d ed., rev. 1970); A. Gleason et al., ed., **BolshevikCulture** (1989).

WAGNER, Helmut. **Teses sobre o bolchevismo**. 1933. Disponível em: <<https://comunism0.wordpress.com/teses-sobre-obolchevismo/>>. Acesso em: 13 mar. 2017

BROUÉ, Pierre. **O Partido Bolchevique**. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/broue/1960/partido/cap02.htm>>. Acesso em: 13 mar. 2017.

PCUB (Org.). **História do Partido Comunista Bolchevique da URSS:O partido dos bolcheviques no período de preparação e realização da Revolução Socialista de Outubro (Abril 1917-1918)**. Tradução do russo de CN, 22.01.2010 (edição provisória). Disponível em: <<http://www.hist-socialismo.com/docs/07HistPCUb.pdf>>. Acesso em: 13 mar. 1998.

HISTORY LEARNING SITE. **WW1Facts: WW1 Baixas**. Disponível em: <<http://ww1facts.net/quick-reference/ww1-casualties/>>. Acessoem: 13 mar. 2017.



PROJECT, Avalon. **President Woodrow Wilson's Fourteen Points**. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/wilson14.asp>. Acesso em: 27 mar. 2017.

PROJECT, Avalon. **The Sykes-Picot Agreement**. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/sykes.asp>. Acesso em: 23 fev. 2017

FERRO, Marc. **A revolução russa de 1917**. Paris: Perspectiva, 1967. 158 p.

LENIN, Vladimir Ilyich. **Discursos Sobre a Guerra e a Paz na Reunião do CC do POSDR**. [S.l.]: Avante!, 1918. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/01/24-1.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

PROJECT, Avalon. **The Conclusion of the Peace of Brest Litovsk**. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/subject_menus/blmenu.asp>. Acesso em: 01 fev. 2017.

LENIN, Vladimir Ilyich . **Para a História da Questão da Paz Infeliz**. [S.l.]: Avante!, 1918. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/lenin/1918/01/20.htm>>. Acesso em: 09 fev. 2017.

PROJECT, Avalon. **Brest Litovsk**. Disponível em: <http://avalon.law.yale.edu/20th_century/bl34.asp#treatytext>. Acesso em: 01 fev. 2017.

OLIVEIRA, Thamiris. **A Primeira Guerra Mundial**. Juiz de Fora, Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), 2012.

AGENCE FRANCE PRESSE. **A Primeira Guerra Mundial em Números**. Belo Horizonte, Estado de Minas, 2014.

O conflito que Mudou o Mundo. São Paulo, Estadão, 2015.

THOMAS, Peter. **A Primeira Guerra Mundial e as Teorias Marxistas da Revolução**. Tradução de Fernando Pureza. Inglaterra, Brunel University, 2015.

ANTUNES, Luiza. **5 grandes mudanças na Europa com a Primeira Guerra Mundial**. São Paulo, Super Interessante, 2017.



BASTOS, Amanda e VEIGA, Jeferson. **Do antigo regime ao Outubro Vermelho**. Rio de Janeiro, Universidade Federal Fluminense (UFF), 2012.

CURSO OBJETIVO. **A Primeira Guerra Mundial (1914-18)**. Disponível em:
<http://www.curso-objetivo.br/vestibular/roteiro_estudos/primeira_guerra_mundial.aspx>. Acesso em: 05 mar. 2017.

BOSAK, Gabriela. The Second Partition of Poland. Chicago, 1998. Disponível em:
<http://www.thenagain.info/WebChron/EastEurope/2PartPoland.html>. Acesso em: 25.abr.2017.